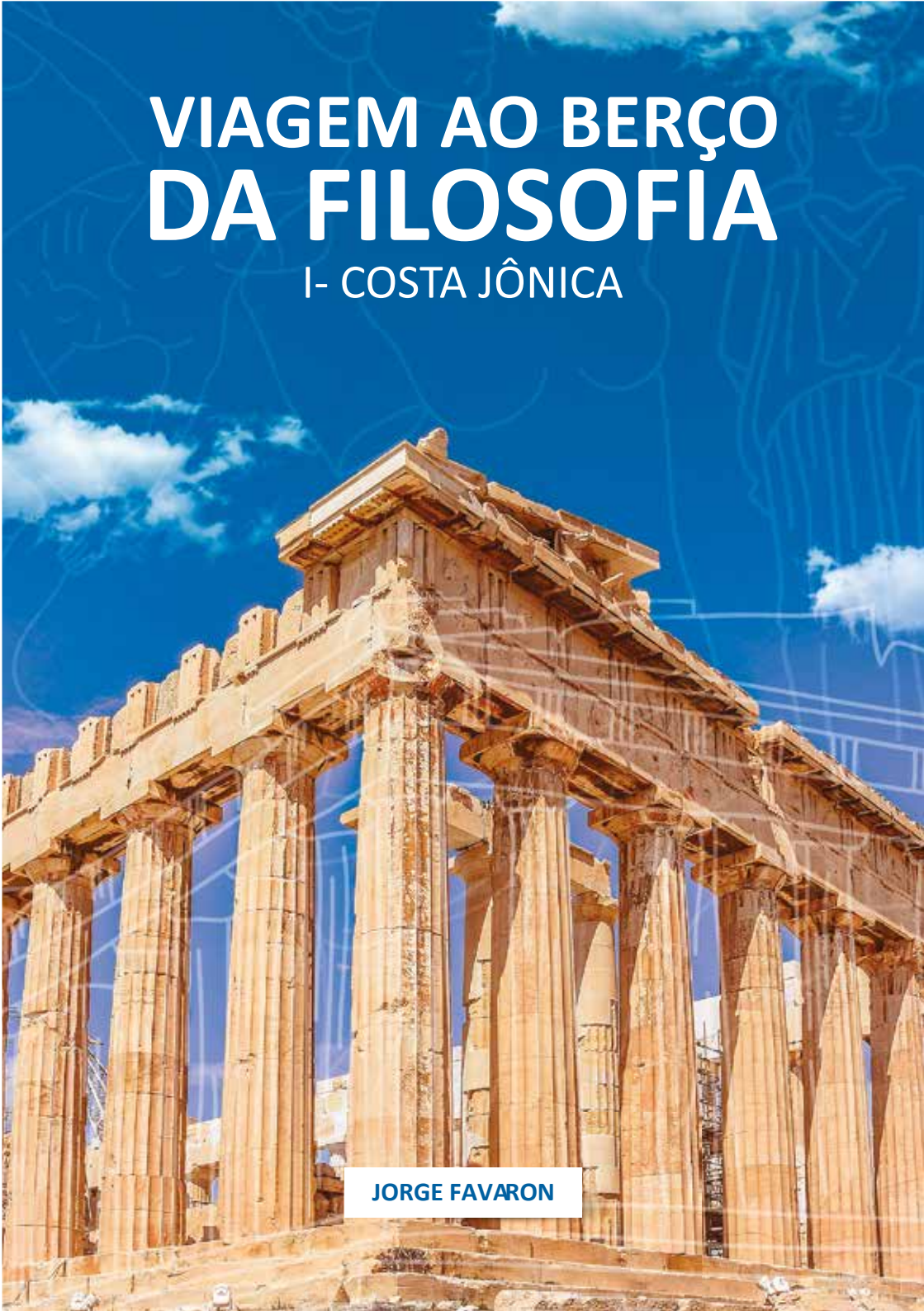


VIAGEM AO BERÇO DA FILOSOFIA

I- COSTA JÔNICA

JORGE FAVARON



JORGE FAVARON

VIAGEM AO BERÇO DA FILOSOFIA I COSTA JÔNICA

1ª edição

São Paulo
Jorge Favaron
2018

RS Comunicação

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a três figuras do Eterno Feminino: Palas Atena, deusa da sabedoria e da filosofia, Maria, mãe de Jesus e á Lakshimi, deusa hindu da prosperidade e riqueza, que possibilitou esta viagem.

AGRADECIMENTOS

Ao Pérsio Poinha pelo conhecimento farmacêutico sobre o efeito do veneno ofídico (seção sobre o Santuário de Asclépio) e à Simone Proetti pela revisão do texto.

NOTA

*Os trechos em itálico refletem opiniões e reflexões do autor, o restante conforme indicado, são oriundos de diversas fontes.
As imagens foram feitas pelo autor, quando não, estão devidamente referenciadas.*

Copyright © Jorge Favaron, 2018.

1ª Edição | São Paulo/SP - Dezembro de 2018.

Projeto gráfico

Eduardo Henrique Ribeiro Gama

Imagem de capa by Pixabay. Autor @anestiev

Criação

RS Comunicação

Revisão

Simone Proetti

Todos os direitos estão reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânico, incluindo foto-cópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

F272v

Favaron, Jorge

Viagem ao berço da Filosofia I - Costa Jônica / Jorge

Favaron. 1. ed. - São Paulo: RS Comunicação, 2018.

138p. ;21cm.

ISBN 978-65-80315-00-0

1. Filosofia. I Título

65-80315

CDD-100

CDU-10

RS Comunicação

Praça da Sé, 21 sala 1311 - Centro

São Paulo/SP - 01001-001

Tel.: 3107-9674

www.rsprojetos.com.br

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Autocrítica.....	11
O Mar Mediterrâneo.....	13
Dídima – Templo de Apolo Didimion.....	15
Mileto.....	19
Sítio Arqueológico.....	22
Museu.....	23
<i>O Eclipse de 585 a.C. Previsto Por Tales.....</i>	<i>29</i>
<i>A Segregação de Massa em Aglomerados Globulares de Estrelas e a Afirmção de Leucipo.....</i>	<i>31</i>
Samos.....	33
Período Neolítico – Final.....	33
Período Protogeométrico.....	33
Período Geométrico.....	34
Período Arcaico e Clássico.....	35
Período Helenístico, Romano e Cristandade até o séc. VII d.C.....	35
Museu Arqueológico de Vathi.....	36
Museu do Pitagoreio e Sítio Arqueológico da Samos Antiga.....	38
Aqueduto de Eupalinos.....	41
Templo de Hera – Heraion.....	43
<i>Pitágoras e Suas Lembranças de Cinco Metempsicoses.....</i>	<i>45</i>
Eféso.....	47
O Culto à Deusa Mãe.....	48
Templo de Ártemis – Artemision.....	52
Basílica de São João Evangelista.....	54
Casa da Virgem Maria.....	57
Museu Arqueológico.....	59
Sítio Arqueológico.....	61
<i>O Pensamento Singular do Filósofo Heráclito.....</i>	<i>67</i>
Colofão.....	69
História de Colofão.....	70
Templo de Apolo Klarios.....	71
O mito.....	71
O templo na Antiguidade.....	71
Homero.....	75

Esmirna.....	77
Ágora.....	79
Museu Arqueológico.....	81
Acerâmica.....	82
A técnica da figura negra.....	83
A técnica da figura vermelha.....	84
A Deusa Atenas.....	86
Museu Etnográfico da Cultura Turco-Otomana.....	87
Clazomena.....	91
<i>A Eletricidade, o Átomo de Cobre e as Homeomerias de Anaxágoras</i>	91
Liman Tepe.....	91
Pier de Alexandre.....	94
Pérgamo.....	95
Acrópole.....	95
Altar de Zeus.....	98
Templo de Serápis/Basilica de São João.....	100
Santuário de Asclépio.....	101
Museu de Bergama.....	109
Seção de Antiguidades.....	109
Escola Estatuária de Pérgamo.....	109
Seção de Cultura Turco-Otomana.....	112
Istambul.....	115
Pré-história da Região de Istambul.....	115
Idade do Ferro na Anatólia.....	116
Museu Arqueológico.....	117
Seção Antiguidades.....	118
Seção Tróia.....	120
Seção Culturas Orientais.....	123
Escrita Cuneiforme.....	124
Chipre e Oriente Médio.....	124
Egito.....	126
Agia Sofia.....	127
Cisterna da Basílica.....	129
Palácio Topkapi.....	130
Referências.....	135
Sobre o Autor.....	137

APRESENTAÇÃO

Entre 1º e 13 de julho visitei a costa Jônica – atual costa ocidental da Turquia – local onde viveram os primeiros filósofos pré-socráticos. Dos quinze pensadores, nove tiveram origem nessa região, conhecida como Costa Jônica.

O gráfico abaixo demonstra o local como berço desses primeiros pensadores.

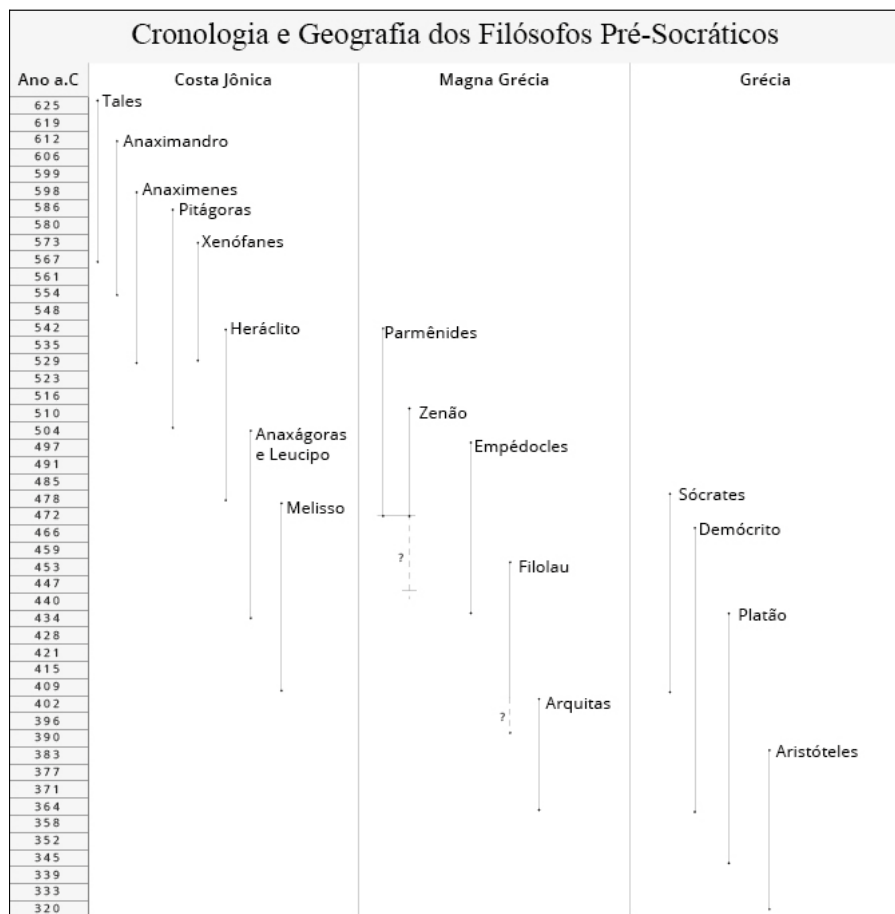


Figura 1. Gráfico geocronológico dos filósofos pré-socráticos, além de Sócrates, Platão e Aristóteles (Arte: Mariana Favaron).

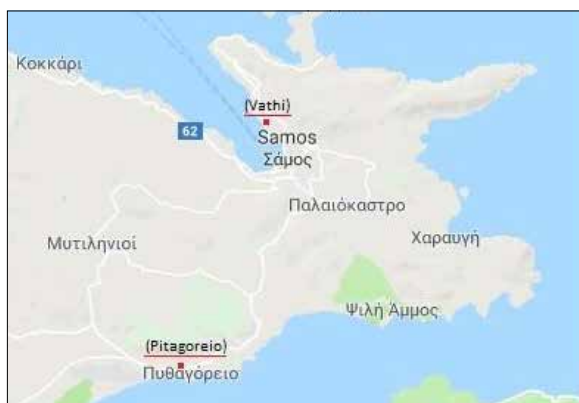
Este trabalho descreve a visita a sítios arqueológicos, museus e centros culturais e religiosos, além de apresentar reflexões sobre alguns desses pensadores.



Figura. 2 Regiões visitadas da Turquia e Grécia (Fonte: Google Maps).



As visitas compreenderam as cidades de Dídima, Mileto (sítio arqueológico), Selçuk (Efeso – sítio arqueológico), Ahmetbeyli (Colofão), Esmirna, Urla (Clazomena), Bergama (Pérgamo – sítio arqueológico) e Istambul na Turquia. E as cidades de Vathi e Pitagoreio na ilha de Samos – Grécia.



Figuras. 3 e 4 Mapas das cidades visitadas no litoral ocidental da Turquia e ilha grega de Samos (Fonte: Google Maps).

AUTOCRÍTICA

Existem Ciências, casos da Arqueologia, História, Geografia, Antropologia, etc., cuja viagem é justificável, mas estaria nessa condição a Filosofia? O que poderia ser acrescentado ao conhecimento filosófico tal empreitada?

Por ser a Filosofia uma Ciência do pensamento, e o pensamento dos primeiros filósofos já estar fixado em obras, doxografias, crônicas, citações, etc., o que poderia ser resgatado com tal jornada?

Um dos argumentos recebidos ‘nos bancos da academia’ é que as pesquisas devem sempre ter ‘um interesse acadêmico para a sociedade, visando ao seu bem e evolução’, e desse ponto de vista que interesse haveria e que frutos poderia produzir?

Essas perguntas me reportaram a um fato ocorrido no Instituto Butantã, em 2010, e o comentário de um cientista: o instituto possuía um banco de espécimes com centenas, talvez milhares de amostras. Eis que um incêndio destrói seus salões, e a mídia expõe cenas dramáticas, como de estudantes em pranto, etc.

Em entrevista à televisão, o prof. Isaias Raw, então diretor do instituto, resume de forma enfática sua opinião: ‘aquilo era algo medieval!’.

Refletindo sobre algo tão dicotômico - a opinião do diretor, o fato dramático e a reação dos alunos - surge a reflexão de que, realmente, diante do alcance das Tecnologias da Informação, que hoje reproduzem digitalmente praticamente tudo (da estrutura atômica até a distribuição de galáxias no universo), fica a questão: por que ter um banco de espécimes reais, se a computação pode recriar digitalmente cada detalhe anatômico desses seres?

Fazendo um paralelo com essa viagem: não seria ela também uma atitude medieval?!

Outra dificuldade é que ao realizar o levantamento, criei pontos de conhecimento: museológico, arqueológico, etc., mas como criar ‘linhas’ ligando esses pontos? Como criar um sentido, uma imagem, em que se possa extrair algo?

Além dessas questões, há também situações em que as visitas pode-

riam ser mais produtivas, casos de Colofão e Clazomena, explicadas em seus capítulos.

A despeito dessas dúvidas, refleti sobre alguns conceitos e personagens, aventurando-me a apresentá-los, colocando os frutos desse empreendimento nas mãos dos leitores para que avaliem com melhor critério tal jornada.

O MAR MEDITERRÂNEO

Ao realizar essas pesquisas, questionei que efeito, que função teria este mar nesta região do mundo, relativo ao processo civilizatório experimentado?

A colonização da atual costa ocidental da Turquia pelos jônicos foi fruto de uma ‘pressão’ sofrida no Peloponeso criada pela chegada dos dóricos, ≈ 1.200 anos a.C., e forçoso deslocamento dos aqueus que, por sua vez, forçaram a navegação dos jônios para leste. Imaginemos que não houvesse essa extensão líquida a separar essas tribos! Como se daria o desenvolvimento posterior dessas culturas?

Evidentemente isso não isentou ataques e invasões, mas não deixou de criar uma identidade, caso das primeiras tribos gregas, e suas ligas e confederações que visavam à união, principalmente para proteção mútua.

Mileto, com seus três portos, que conteúdo de saber e informação teria recebido devido não só a trocas comerciais?

Na modernidade, temos outro exemplo, o caso do deslocamento dos puritanos calvinistas ingleses para a América do Norte e que infundiram seu pensamento no imaginário dos Estados Unidos, fato que se verifica até hoje, por exemplo, no cinema daquele país, com forte conotação puritana, em relação a outras vertentes do cinema ocidental.

As questões que se apresentam são: o que ocorreria com aquelas tribos gregas, e outras que estão no entorno do Mediterrâneo, se não fosse a presença desse mar? Teria, como no caso da Filosofia, Ciência com foco neste trabalho, a possibilidade de se desenvolver na mente de alguns homens? Que influência esse mar representou para aqueles primeiros focos de civilização?

São questões que convidam a um estudo mais extenso.

DÍDIMA – TEMPLO DE APOLO *DIDIMION*



Figura. 5 Sítio Arqueológico do Templo de Apolo.

Esse templo de Apolo possuía importância equivalente ao seu homônimo em Delfos, junto ao monte Parnaso na Grécia.

Também local de oráculo, suas sacerdotisas profetizaram que Adriano e Trajano seriam consagrados imperadores de Roma.

Esse templo era ligado ao templo de Apolo *Delfinion* em Mileto através de uma rota sagrada de aproximadamente vinte quilômetros. Nas gravações em pedra no local é informado que havia festivais, chamados *Molpoi* (abreviação para cantores e dançarinas), que partiam de Mileto em direção a esse templo, onde, além dos sacrifícios de animais, havia procissão com cantores, jogos, representações humorísticas e competição de oradores: o trajeto levava de três a quatro dias.

A construção do templo nunca foi totalmente finalizada, pois terremotos, incêndios e invasões dificultaram esse objetivo¹.

¹ Fonte: Textos descritivos sobre o Templo de Apolo Didimion (Museu de Mileto)



Figura. 6 Gravura do templo de Apolo Didimion.



Figura. 7 Vista aérea do Templo (foto: Museu de Mileto)



Figura. 8 Detalhe de base de coluna.



Figura. 9 Entalhe em corredor de acesso ao salão principal.

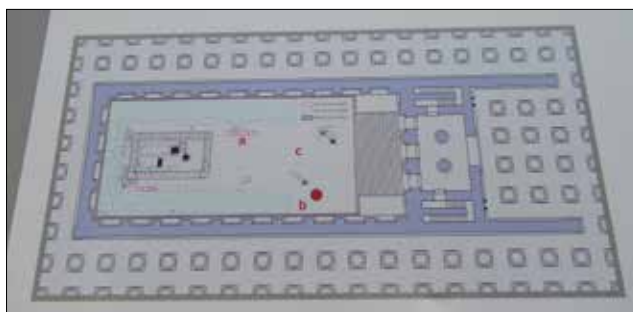


Figura. 10 Planta do Templo.



Figura. 11 Salão Principal (Aditon).

MILETO

Na antiguidade, a cidade de Mileto ficava em um cabo orientado a nordeste (fig. 12). Essa característica possibilitava que a cidade possuísse três portos.

Em minha opinião, Mileto foi uma *urbe mirabilis* no período arcaico/clássico, fundando noventa colônias, segundo Plínio, o Velho². Cabe destacar que a fundação de Colônia obedecia a ritos específicos, para os quais se levavam porções de terra e fogo sagrado partindo da cidade mãe, além dos ritos de Augures e Pritanes (membros do conselho, mas também com funções sacerdotais) tornando auspiciosa a fundação da nova cidade³.



Fig. 12 Mapa da evolução do relevo no entorno de Mileto (Fonte: Wikipedia: Eric Gaba, Wikimedia Commons)

Além de berço dos filósofos Tales, Anaximandro, Anaxímenes e Leucipo (sendo este último questionada sua naturalidade), Mileto tam-

² PLÍNIO, *História Natural*, vol. 5, 112. University Tufts; Perseus Digital Library <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0006:entry=miletos&highlight=miletus%2Ccolonies> (acessada em 12 de julho de 2018).

³ COULANGES, Fustel, *A Cidade Antiga*.

bém foi berço de outros notáveis, como os escritores Cadmo, Hesíquio e Aristides (este criador do estilo literário milesiano, que influenciou Lúcio Apuleio, na obra *O Asno de Ouro*, e Petrônio no *Satíricon*); Aspásia, mulher de Péricles, e o arquiteto Isidoro, um dos responsáveis pela planta de Agia Sofia em Istambul, dentre outras personalidades.

Devido aos terremotos, a quantidade de aluviões trazidas pelo rio Meandro foram assoreando a baía onde se localizava Mileto, e no início da Idade Média, a cidade foi abandonada.

Posteriormente, estudando as imagens de Mileto antiga, percebi que a Mileto arcaica, provavelmente da época de Tales, encontra-se aproximadamente a 1,2km a sudoeste do teatro, local do início da visita. Entretanto, os caminhos para além dos locais visitados não possuem placas nem vias para o visitante, ou seja, é tomado pelo mato, conforme algumas fotos demonstram.



Figura. 13 Traçado de rua.



Figura. 14 Gravura de estrutura que havia no palco do teatro na antiguidade.

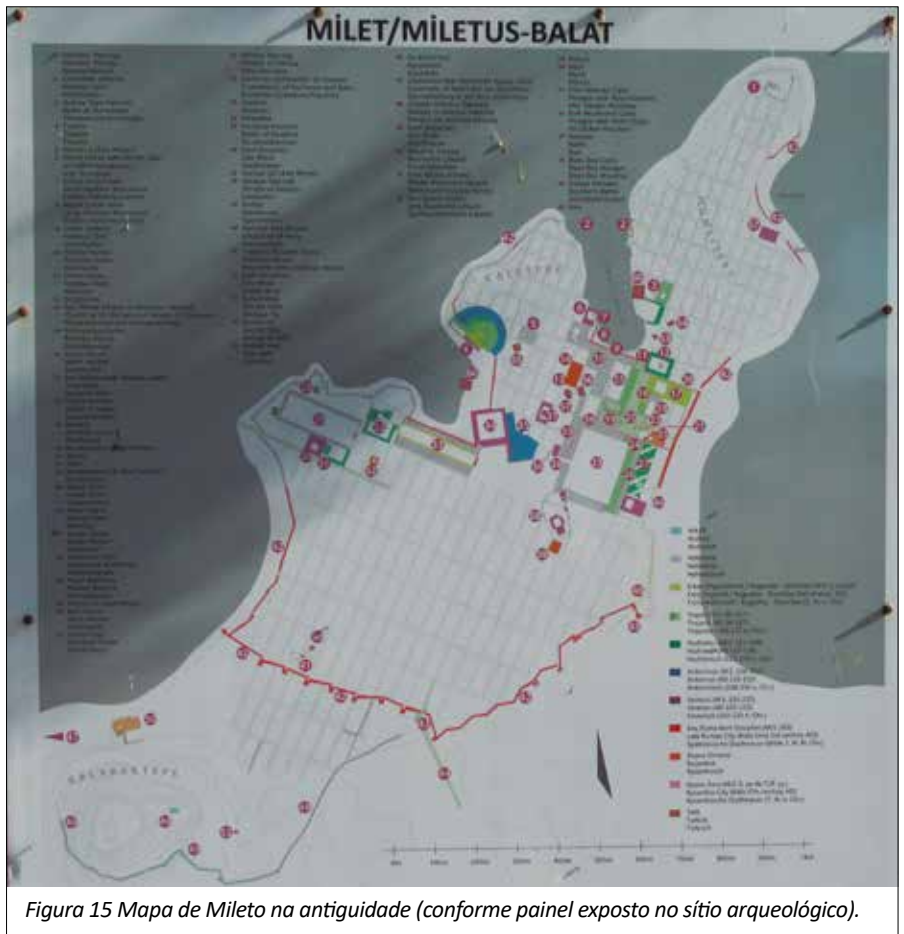


Figura 15 Mapa de Mileto na antiguidade (conforme painel exposto no sítio arqueológico).

Mileto – Sítio Arqueológico



Figura. 16 Teatro, no período helenístico com 5.300 assentos, reconstruído pelos romanos aumentando sua capacidade para 15.000 assentos (segundo o guia do sítio arqueológico de Pérgamo, Sr. Yashar, pela capacidade do teatro, calculava-se o número de habitantes, pois os assentos representavam 10% da população da pólis) (Mileto – sítio arqueológico).



Figura. 17 Assento de honra no teatro.



Figura. 18 Templo de Apolo Delfinion

Mileto - Museu



Figura. 19 Reprodução de uma cozinha no período minoico, 1.800 a.C. (a cor da vestimenta é significativa, pois na época clássica – portanto 1500 anos após essa representação, o branco era cor obrigatória para ir ao teatro).



Figura. 20 Jarro com alça – período minoico: XX a XVIII séc. a.C.



Figura. 21 Cabeças de grifos em bronze, período arcaico – séc. VI a.C.



Figura. 22 Máscaras teatrais do período helenístico: IV a I séc. a.C.



Figura. 23 Cabeças femininas de terracota (o artista consegue esboçar graciosos detalhes do penteado). Período helenístico: IV a I séc. a.C.



Figura. 24 Estelas votivas do período arcaico: séc. VI a.C. (que remetem aos populares oratórios do Brasil colonial).



Figura. 25 Lamparina do período helenístico; séc. IV a.C.



Figura. 26 Estatueta de terracota da deusa Nike, a 'vitória alada'. Período helenístico: séc. IV a.C.



Figura. 27 Gravura representando vestimenta feminina da antiguidade.



Figura. 28 Brincos



Figura. 29 Anéis

O ECLIPSE DE 585 A.C. PREVISTO POR TALES

*[...] Durante um combate [...] o dia transformou-se inesperadamente em noite. Tales de Mileto havia predito aos lônios esse fenômeno, fixando a data que se verificaria [...]*⁴

Previsões de eclipses são baseadas no ciclo de Saros, ponto em que a lua, em sua órbita, atravessa o eixo Terra-Sol. Isso acontece a cada dezoito anos e seis meses.

Ao se pesquisar sobre esse ciclo, sabe-se que sua descoberta é atribuída aos Caldeus, cultura neobabilônica que dominou a Mesopotâmia por volta do séc. VI a.C. Se os Caldeus fossem uma cultura anterior à época de Tales, poderia se deduzir que o conhecimento do ciclo houvesse se difundido chegando até ao conhecimento do filósofo. Ocorre que os Caldeus foram uma cultura contemporânea de Tales.

Também se pode argumentar que a observação celeste na Mesopotâmia é muito anterior aos Caldeus e que talvez o conhecimento dessas observações fosse se acumulando no decorrer do tempo, eclodindo sua descoberta com os Caldeus.

Assim se colocam algumas questões: a previsão de Tales é fruto de sua descoberta pessoal? Teria a descoberta dos Caldeus chegado ao conhecimento do filósofo?

Sabe-se que Tales viajou ao Egito, cuja cultura naquela época já possuía aproximadamente 2.600 anos de existência. Se os egípcios tinham conhecimentos astronômicos profundos, nada foi legado às culturas posteriores, como ocorre com os babilônios.

Fica então a questão em aberto sobre essa previsão de Tales, a primeira, e considerado marco inicial do pensamento racional.

⁴ HERÓDOTO, *História*, Livro I, LXXIV, W.M. Jackson Inc., RJ, 1950, p.63, versão para o português de J. Brito Broca (versão digitalizada).

A SEGREGAÇÃO DE MASSA EM AGLOMERADOS GLOBULARES DE ESTRELAS E A AFIRMAÇÃO DE LEUCIPO

*[...] os corpos leves dirigem-se para o vácuo externo, como se estivessem sendo peneirados; os remanescentes permanecem, ficam juntos e, agregando-se entre si, continuam juntos em seu circuito, formando um primeiro sistema esférico [...]*⁵

Para compreender essa afirmação de Leucipo, é necessária a apresentação de algumas informações astronômicas: as estrelas se agrupam em dois tipos de aglomerados: os galácticos e os extragalácticos. Os primeiros têm origem em grandes massas de gás e poeira no interior das galáxias que, devido ao seu colapso pela gravidade, formam agrupamentos de estrelas e são denominados abertos. Com o tempo, a ação da gravidade galáctica vai ‘dissipando’ esses conjuntos.

Devido estarem dentro da galáxia apresentam algumas características: são heterogêneos tanto na forma, como na composição das estrelas (os chamados tipos ou classes: O, B, A, F, G, K, etc.); tem vida astronômica relativamente curta: em média alguns milhões de anos, e estão relativamente próximos do sistema solar (comparados aos extragalácticos), sendo o mais conhecido deles as Plêiades, distante aproximadamente 450 anos luz.

Os extragalácticos são objetos celestes curiosos, pois se acredita que na época da criação das galáxias, as estrelas que compõem esses objetos, por estarem longe do núcleo da galáxia, portanto, frouxamente atraídas, foram criando um centro gravitacional próprio e nessa dinâmica adquirem a forma esférica (fig. 30), ou em glóbulos (ou globular).

Suas características são: homogêneos na forma e na composição de estrelas (a maioria apresentando classes espectrais semelhantes ao Sol: G ou F); são muito antigos, acreditando-se que tenham a idade da galáxia: 13,5 bilhões de anos e, por estarem fora da galáxia, estão

⁵ (LAÉRCIO, Diógenes: *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*, Ed. Universidade de Brasília, 1987, p. 259).

muito distantes do sistema solar, por exemplo, o maior deles, ômega centauri, está a aproximadamente 17.000 anos luz.

O fato de Leucipo citar a ‘formação de um sistema esférico’ já destacaria como bastante intuitiva sua afirmação, entretanto há outro fato interessante que complementa sua afirmação. Quando os astrônomos estudam o incremento da intensidade luminosa desses objetos, à medida que se avança da periferia para o núcleo, normalmente a curva atinge um patamar, ou platô, e a partir daí se mantém constante.

Ocorre que em alguns aglomerados, chamados colapsados, a intensidade luminosa não atinge esse platô, mas vai subindo formando um pico ou cúspide!



*Figura. 30 Aglomerado Globular de Estrelas NGC 2204 (Fonte:http://www.nasa.gov/sites/default/files/styles/1x1_cardfeed/public/images/633337main_messier9_full.jpg)
Acessado em 14 de julho de 2018).*

Isso ocorre porque estrelas de maior massa, ao encontrar aquelas de menor massa, recebem maior energia cinética, dirigindo-se para o núcleo, enquanto aquelas que perderam energia cinética ou momento dirigem-se para o exterior do aglomerado.

Como há um aumento de maior massa e luminosidade, a ‘curva de luz’ desse objeto aumenta formando um pico⁶. O que chama a atenção é que as palavras de Leucipo, referentes à migração dos ‘corpos leves’ para o exterior, e aqueles ‘remanescentes’, de maior massa, se

⁶ BELLONI Diogo, Colisão Entre Aglomerados Globulares, UFRJ, 2014 pgs. 47 e 63, <http://objdig.ufrj.br/14/teses/830011.pdf> (acessado em 14 de julho de 2018).

encaixam com precisão na descrição dessa dinâmica, principalmente considerando-se que foram expressas há 2.500 anos, apenas por meio de especulação.

SAMOS

Período Neolítico – final

Os assentamentos na ilha de Samos remontam entre 5.000 e 4.000 a.C. primeiramente nas encostas do monte Kastro e por volta de 3.000 a.C. também na região onde se encontra o templo da deusa Hera, o *Heraion*. Por volta de 2.300 a.C., surgem indícios da presença micênica na ilha, quando relatos míticos sugerem que se iniciam os cultos à deusa Hera, trazido pela expedição dos argonautas.

Período Protogeométrico (1025-900 a.C.)

É definido como o primeiro sucesso monumental da arte grega, sendo que o desenvolvimento da arte micênica para a geométrica tomou lugar gradualmente.

O principal motivo de decoração observado na cerâmica desse período são círculos completos ou meio círculos desenhados com compassos ou pincéis. O centro é preenchido com pontos e formas semelhantes a ampulhetas.

No fim do período, são inseridos motivos ondulados entre os motivos citados acima. De fato, quando alguém observa no geral o período geométrico verá a aplicação de um sistema normativo.

O estilo que teve início na Ática apresenta diferentes aplicações em outros locais como Argólida, Corinto, Lacônia, ilhas do Egeu e oeste da Anatólia.

Os exemplos obtidos na Anatólia, em centros como Esmirna, Mileto, Clazomena, Teos e Iasos perseguiram o estilo da Ática e pertencem à época tardia do período protogeométrico. Por volta do séc. X a.C., chegam os primeiros gregos, principalmente da região do Epidauro.

Período Geométrico

Esse período surgiu por volta de 1.100 a 700 a.C. com o fim da civilização micênica e a chegada dos dóricos. Combina formas abstratas (pontos, linhas, losangos, espirais, triângulos, etc.) e mais tarde vívidas representações de animais e pássaros. Os motivos são arrançados harmoniosamente, criando um ritmo cuja característica é o balanço e simetria. O início desse período parece ter sido Atenas, mas se espalhou amplamente em muitas versões locais da Tessália, Lacônia, Eubeia, Ciclades, Creta e Rodes.

Samos ocupa uma importante distribuição desse estilo, desde evidências das últimas escavações, havendo grande florescimento de cerâmica no início do séc. X a.C. e da arquitetura no séc. VIII a.C. quando o templo *hecatompedos* foi construído no santuário de Hera. Ele foi o mais antigo templo grego e tinha um longo padrão estreito de colunadas no eixo principal.

Evidências desse período são resgatadas por escavações na área. Embora edifícios remanescentes de templos e casas não tenham vindo à luz desse período da antiga cidade de Samos até o momento, e sendo geralmente raros os traços preservados dos chamados idade negra e período geométrico – principalmente pelas construções serem de tijolos ordinários e pequenas pedras – ainda assim são encontrados depósitos onde equipamentos domésticos quebrados estavam jogados, além de um cemitério descoberto na porção sudoeste da cidade, que tem contribuído com evidências datando dos sécs. X a VII a.C. contribuindo para o estudo da topografia e arte de Samos.⁷

As peças irradiam vitalidade, liberdade e prazer, características da mentalidade dos jônios do leste, além do contato jônio com outras localidades da Grécia.

As primeiras peças dessa arte plástica são representadas por criações de pequena escala em madeira, portanto nenhuma delas sobreviveu. As modelagens de figuras eram oferecidas em santuários de

⁷ Fontes: Painéis expostos no Museu Arqueológico de Esmirna – Turquia e Museu do Pitagoreio – Ilha de Samos – Grécia.

argila decorada e vasos de bronze e também serviam como oferendas em funerais. As figuras apresentam subdivisão estrita do corpo com o tórax triangular renderizado. Figuras com cavalos, símbolos de força e riqueza, são associadas ao status social ocupado e posição de liderança do período.⁸

O séc. IX a.C. é a fase inicial do santuário de Hera, cuja estátua - ξοανον *xoanon* – se acreditava caída do céu de forma sobrenatural. Os sécs. IX e VIII a.C. foram o início do desenvolvimento naval e comercial de Samos. Já o séc. VII a.C. assiste à substituição da monarquia pela aristocracia e o desenvolvimento de postos comerciais na Cilícia (atual região turca, fronteira com a Síria), Chipre e Líbano.

Período Arcaico e Clássico

Dos anos 630 a.C. até o final dos anos 430 a.C., a influência de Samos se amplia para além do estreito de Gibraltar, conhecido na antiguidade como as ‘colunas de Hércules’, e também para a região da Trácia (atual sul da Bulgária, fronteira com a Grécia e Turquia).

Em 570 a.C. nasce Pitágoras, o mais famoso filho de Samos. E em 478 a.C., o filósofo e comandante naval Melisso.

Entre 538 e 522 a.C. destaca-se o aqueduto de Eupalinos, uma das principais obras de engenharia do período.

A partir dos anos 430 a.C., a influência de Samos começa a declinar devido às guerras e invasões, inclusive com a expulsão de seus habitantes (dentre eles, familiares de Melisso, que se estabelecem em Colofão).

Período Helenístico, Romano e Cristandade até o séc. VII d.C.

Samos é prejudicada pelas lutas pelo espólio de Alexandre, o Gran-

⁸ *Painel exposto no Museu Pitagoreio, Samos, Grécia.*

de, exigindo manobras diplomáticas. Sob domínio romano, a ilha se beneficia, principalmente por se tornar residência de inverno dos imperadores. Em 267 d.C., sofre invasão dos hérulos (tribos germânicas) e possível terremoto.

Nos sécs. IV e V d.C., a expansão do Cristianismo é acelerada após o reconhecimento por Constantino, o Grande, o que é indicado pela construção das primeiras grandes basílicas. Nos sécs. VI e VII d.C., distúrbios e insegurança por invasões persas e árabes levam ao abandono temporário da cidade.⁹

Museu Arqueológico de Vathi Ilha de Samos - Grécia



Figura. 31 Fragmento de cerâmica – período geométrico (Museu Pitagoreio).

⁹ Painel exposto no Museu de Vathi, Samos, Grécia.



Figuras. 32 e 33 Estátua arcaica (kouros), colossal: 4,75m, encontrada no santuário Heraion. Não representavam deuses, mas antepassados heroicos, neste caso, da família Isches, que a doaram. C.560 a.C. (Museu Vathi).



Figura. 34 Amuletos egípcios. Séc. VII a VI a.C.



Figura. 35 Elmo



Figura. 36 Pequena cabeça (≈3cm) e elmo de terracota.

Museu do Pitagoreio e Sítio Arqueológico da Samos Antiga



Figura.37 Sítio arqueológico da Samos da antiguidade e ao fundo Museu arqueológico em Pitagoreio, ilha de Samos, Grécia.



Figura. 38 Detalhe de pintura 'figuras vermelhas' em vaso fúnebre, c. 350 a.C.



Figura. 39 Vaso com 'figuras vermelhas' destacando a educação dos jovens, que compreendia aulas de leitura, aritmética, música e ginástica. Em períodos posteriores da antiguidade, era também oferecida uma biblioteca e aulas de ciências e filosofia (fonte: painel exposto no museu).



Figura. 40 Padrões Cerâmicos encontrados em Samos.



Figura. 41 Reprodução de um fosso, período helenístico, provavelmente para captação de água (0,9mx4,0m).



Figura. 42 Retrato do Imperador Cláudio (41 a 54 d.C.)



Figura. 43 Imperador Tibério (14 a 37 d.C.)

Aqueduto de Eupalinos

Em 538 a.C. a cidade de Samos necessitava aumentar o fornecimento de água. O arquiteto Eupalinos propôs cavar um túnel para servir de aqueduto através do monte Kastro. O detalhe é que duas equipes diferentes cavaram de lados opostos do monte até se encontrarem no meio do trajeto, o que ocorreu com um desvio mínimo.

O túnel possui 1.036 m de extensão, 1,80m de altura e 0,42m de largura.



Figura. 44 Monte Kastro, escavado para construção do túnel.



Figura. 45 Placa da Sociedade Americana de Engenharia Civil, de 2017, homenageando o aqueduto.



Figura. 46 Entrada do túnel.

Templo de Hera – *Heraion*



Figura. 47 Sítio Arqueológico do Templo de Hera.



Figura. 48 Conjunto de estátuas dedicadas à deusa Hera, executadas pelo escultor Geneleos.

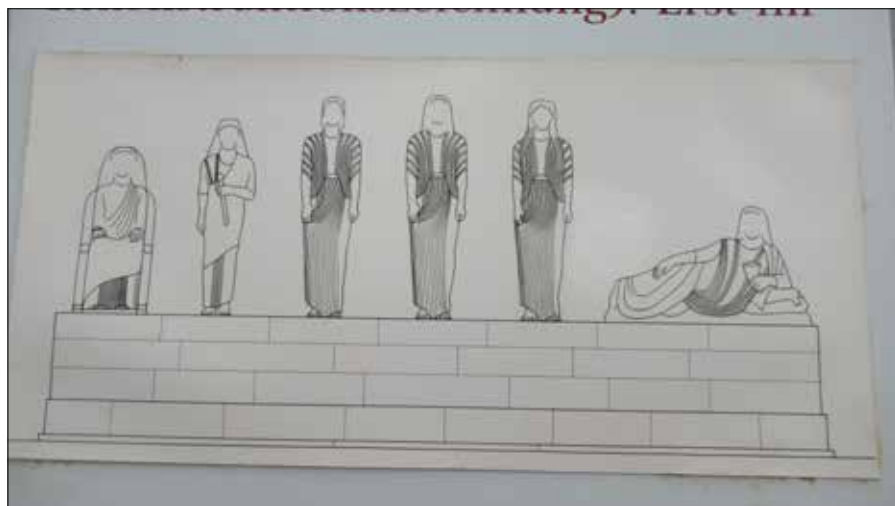


Figura. 49 Gravura das estátuas (Museu de Vathi).

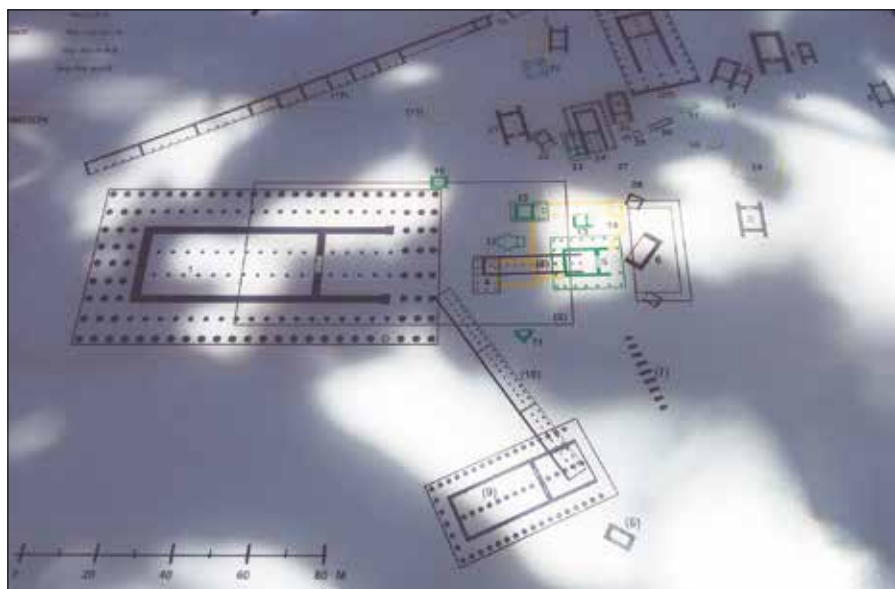


Figura. 50 Planta com indicação dos 34 edifícios do conjunto do templo.

PITÁGORAS E SUAS LEMBRANÇAS DE CINCO METEMPSICOSES¹⁰

[...] Pitágoras dizia de si mesmo que fora Aitalides no passado [...] se considerava filho de Hermes, e que este lhe concedera a graça de escolher o que quisesse [...] Ele pediu [...] a recordação de tudo que acontecesse [...] enquanto vivo, e depois de morto [...] voltou ao mundo no corpo de Euforbos, ferido por Menelau [...] morto Euforbos reencarnou como Hermôtimos [...] morto este reencarnou como Pirros [...] Morto Pirros tornou-se Pitágoras. (Laércio, Diógenes: Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres, p. 229 e 230, apud Heracleidos do Ponto).

É comum citar que a humanidade recebeu dois ‘choques de realidade’ nos últimos 500 anos, em relação a sua importância e auto importância. O primeiro é a demonstração de Copérnico de que a Terra não ocupa o centro do universo. Primeiramente, passou a ser mero planeta orbitando uma estrela, que posteriormente a Ciência veio a completar que o Sol nem era uma estrela destacável, além de estar na periferia da Galáxia, entre incontáveis outras. O segundo choque são os desdobramentos das pesquisas de Darwin que colocam o homem em uma longa fileira de evolução física, vindo de homínídeos da África e, num passado mais distante, de formas cada vez mais primitivas. Conceito que contrariava a descendência divina que o homem teria, na alegoria da Gênese bíblica.

Dentro desse contexto, a sobrevivência da alma viria a mostrar que a humanidade física não é, digamos, o ponto alto da existência, havendo a continuidade da vida para além dos limites físicos. Entretanto, até o momento, permanece aberta a questão da vida após a morte. Um estudo histórico (História do Ateísmo – George Minois) demonstra que a questão não é simples e fácil, apresentando debates e nenhuma conclusão com indicação concreta.

Embora o séc. XIX tenha apresentado fenômenos notáveis na área (ver Espiritismo e Animismo de Alexander Aksakoff), com figuras também notáveis (Vitor Hugo, Sir Arthur Conan Doyle, Camile Flammarion,

¹⁰ literalmente “animar mudando”, seg. COULANGES, Fustel, A Cidade Antiga, Edipro, 4ª ed., 2009, tradução de Edson Bini, Anexos, Glossário, p.315.

entre outros) se debruçando sobre o assunto, o lado contrário ao espiritualismo também se expressou a respeito (Marx, Nietzsche, entre outros).

Até mesmo um profundo estudioso da psique nos tempos atuais, como Carl Gustav Jung, termina sua obra *Memórias, Sonhos e Reflexões* colocando em dúvida essa realidade! Ao questionar a hoje chamada percepção extra cerebral, desabafa: 'isso mudaria tudo! '.

Portanto, não deixa de ser notável a afirmação vinda de uma mentalidade como Pitágoras. Que pensador atual teria a coragem de expor percepções ou certezas tão subjetivas? E, ao analisar com distanciamento e isenção as grandes mensagens dirigidas ao homem, como aquelas de Buda ou Jesus, a questão da sobrevivência da alma é inescapável!

Para mim, a questão, como dizia Einstein a respeito do povo judeu, é de sensibilidade intelectual, até que o homem se convença dessa realidade. E gostaria de utilizar uma realidade científica como exemplo: existe uma classe de estrelas cuja luminosidade varia, existindo várias causas para isso. Até o final da Idade Média, início do Renascimento, eram conhecidas apenas duas estrelas dessa categoria, já que suas variações de luminosidade eram bastante notáveis: as estrelas omicron ceti, na constelação da Baleia, também chamada mira ceti, a 'maravilha da baleia', e a estrela beta persei, ou Algol, do árabe 'o olho do demônio'. Com a invenção do telescópio e a disseminação do interesse em observações astronômicas, hoje pode-se comprovar que existem mais 150.000 estrelas dessa categoria, inclusive com associações astronômicas dedicadas a este estudo.¹¹

Evidente que essas estrelas sempre existiram, mas o que mudou? A sensibilidade intelectual do homem em percebê-las!

Um sinal de que esse tópico merece atenção é a presença do verbebo: 'after life', na biblioteca on line 'Platão', da Universidade de Stanford¹².

Assim, que outros temas pendentes ao conhecimento humano não estarão esperando resposta no futuro, quanto mais se desenvolva essa sensibilidade intelectual do ser humano?

¹¹ AAVSO – American Association Variable Star Observer, <https://aavso.org/variables-what-are-they-why-observe-them>, acessado em 05 de agosto de 2018.

¹² <https://plato.stanford.edu/entries/afterlife/>. Acessado em 10 de agosto de 2018.

EFÉSO

Os primeiros assentamentos humanos em Efésio remontam ao período calcolítico, 7º milênio a.C. Por volta do início da idade do Bronze, 3.000 a.C., havia um assentamento denominado Ayasoluk (no alto da colina onde se encontra hoje o sítio arqueológico da basílica de S. João) e no período tardio dessa mesma idade se acredita ser identificada como Apasa, capital, inicialmente, do reino de Arzawa e posteriormente hitita.

Nos anos 1.100 a.C., chegam os primeiros gregos da colonização jônica, expulsando os Lelegues, Cários e Lídios. Em meados do séc. VIII a.C., a cidade se expande em direção às encostas do monte Panaiyr.

Efésio se manteve uma pólis independente até 560 a.C., quando o rei lídio Creso conquistou a cidade. Pouco tempo depois, em 546 a.C., os persas conquistaram o reino lídio e Efésio também. Isso durou até a chegada de Alexandre, o Grande, em 334 a.C.

Após a morte de Alexandre, seu general Lisímaco assumiu a direção de Efésio, em 300 a.C., quando a população se espalhou para o monte Bübü. Em 294 a.C., começou a ser construída a muralha para proteção da cidade.

A Efésio helenística ganhou novo modelo urbanístico devido à rede de ruas ortogonais baseado em Hipodamo (arquiteto de Mileto: 498 a.C. a 408 a.C.). Na parte baixa, ficaram os centros culturais, mercantis, comerciais, ginásio e teatro próximo ao porto, e os centros político, com a assembleia (*bolouterion*) na parte alta.

Devido à característica de relevo da cidade, nas encostas de montes foram criados dois conjuntos de casas com terraços.

A produção local de mercadorias encontradas por todo o Mediterrâneo demonstra o crescente poder econômico e político da cidade, vindo a se tornar capital das províncias da Ásia, durante o império romano. Este fato tornou Efésio uma *Civitas libera*, desobrigada a pagar taxas a Roma.

No período romano, destaca-se que parte da população apoiou o

rei Mitrídates VI do Ponto contra os romanos, e a morte violenta de mais de 80.000 romanos em uma única noite. Com a revolta suprimida pelo general Cornélio Sula, a cidade perdeu seu status e teve que pagar tributos à Roma.

Em 33 a.C., Marco Antonio e Cleópatra passaram o inverno em Efésio planejando a campanha contra Otaviano, que mais tarde seria o imperador Augusto.

Quando o apóstolo Paulo chegou em Efésio, em 52 d.C. encontrou forte culto pagão, além de ativa presença de judeus. Com a revolta do artesão Demétrio, artífice da prata, contra os cristãos, Paulo se retirou de Efésio.

Em 230 d.C., Efésio alcançou seu ponto culminante de desenvolvimento. Desse período permanecem os edifícios remanescentes em seu sítio arqueológico.

A partir daí, começou o declínio econômico e terremotos, sendo o mais intenso em 270 d.C., além de invasões dos godos. Mesmo com tentativas de manter a cidade durante o período bizantino, esta foi gradativamente declinando, sendo abandonada por volta do ano 1000 d.C.¹³

O Culto à Deusa Mãe

Pesquisas arqueológicas informam que na Anatólia havia um culto à Deusa Mãe que remonta 7.700 anos atrás, como o demonstram os sítios arqueológicos de *Çhatalhöyük* e *Hacilar*.

A deusa mãe normalmente é representada sentada e com formas volumosas; algumas vezes em trabalho de parto.

O modelo triangular do seu corpo enfatiza sua maternidade e fertilidade.

Os animais no trono simbolizam o poder dela sobre eles.

Sua crença é universal em diferentes culturas e períodos. Na escrita cuneiforme *Kultepe* é denominada *Kubaba*.

¹³ Fonte: Painéis expostos no Museu de Efésio.

Na Lídia, *Kybebe*. Na Frígia, *Cybele*.

Fontes Hititas a chamam *Hepat*. Em Efeso se transformou em Ártemis. Visto que é associada a natureza, seus locais de culto são os picos de montanhas, cavernas, altas falésias e fontes de água.

A crença é que vivia nua e vinha das falésias e cavernas para distribuir bênçãos. Era adorada em nichos escavados na rocha.



Figura. 51 Estatueta da Deusa Mãe encontrada no sítio arqueológico de Çatalhöyük (Museu de Efeso).



Figura. 52 Nichos de culto à Deusa Mãe.



Figura. 53 Abelha, inseto símbolo de Ártemis.



Figuras. 54 e 55 Duas estátuas de Ártemis 'de muitos peitos' encontradas no sítio arqueológico do Artemision

Templo de Ártemis – Artemision

Começou a ser utilizado como centro de culto no séc. VIII a.C., sendo que no séc. VI a.C. o rei Cresos erigiu o primeiro templo. Em 356 a.C., na noite do nascimento de Alexandre, Herostrato pôs fogo no templo, segundo alguns para ter fama imortal.

O templo então foi reconstruído de forma ampliada pela população, aos cuidados dos arquitetos Paionios, Demétrios e Keirocrátes, tornando-se uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Inundações e invasões pelos Godos levaram ao abandono do culto. Os materiais remanescentes do templo foram utilizados para a construção da Basílica de S. João e da mesquita Isa Bey.

Fonte: Paineis no Museu de Efeso.



Figura. 56 Sítio arqueológico do Templo Artemision.

Na foto ao lado, além dos vestígios do templo Artemision, estão mais três edifícios de interesse histórico: ao fundo, próximo à coluna à direita, está o sítio arqueológico da basílica de S. João; à esquerda, a mesquita Isa Bey; e ao fundo a fortificação de Selçuk. Para a construção da basílica e mesquita, foram utilizados materiais remanescentes do templo Artemision.

Ao fundo da área do sítio, vê-se um talude de aproximadamente 5 m de altura: marcas de inundações que elevaram o terreno.



Figura. 57 Maquete do Templo de Ártemis (Museu de Efeso).



Figura. 58 Maquete, escala 1:25, do Templo de Ártemis (Parque Miniaturk – Istambul)

Basílica de São João Evangelista

Vida de São João

De acordo com versões surgidas no séc. II d.C. e registradas durante o concílio de Efésio, em 431 d.C., João, o mais jovem discípulo de Jesus, teria vindo para Efésio, junto com Maria, mãe de Jesus, entre 37 e 48 d.C., onde passaram parte de suas vidas. Também não há dúvidas de que João foi para a Ásia a partir de 67 d.C..

O apóstolo Paulo esteve em Efésio entre 55 e 58 d.C. fundando novas congregações cristãs, além daquelas fundadas por outros discípulos. João, foi ameaçado de morte duas vezes pelo imperador Domiciano e por duas vezes foi resgatado milagrosamente. Em 81 d.C., foi exilado na ilha de Patmos e retornou a Efésio em 95 d.C. Passou os últimos anos de vida sobre a colina Ayasoluk, onde surgiu o primeiro assentamento na mais remota antiguidade. Ele faleceu com a idade de 100 anos e foi sepultado nesse local.

Fonte: Painel na basílica de São João.

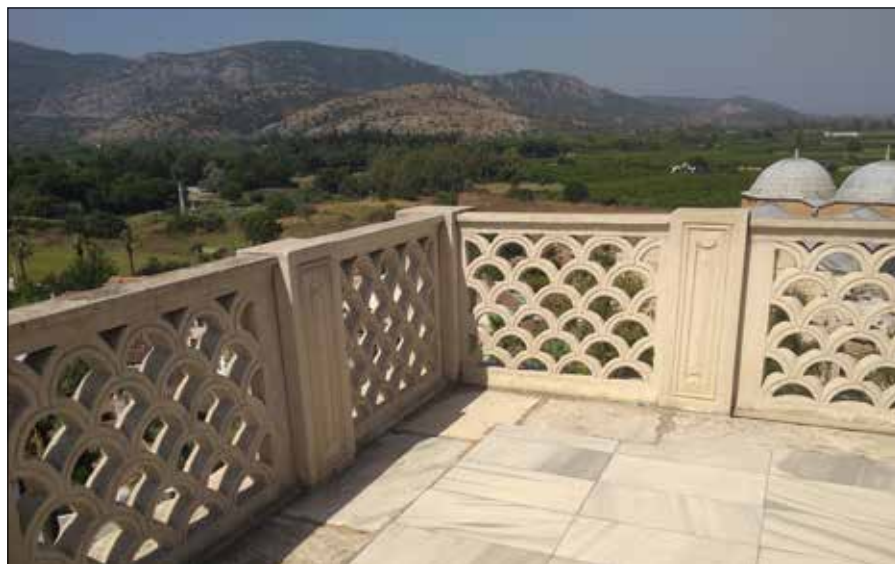


Figura. 59 “... de acordo com a tradição, S. João escreveu seu Evangelho e orava nesta bela colina...” (Fonte: painel na basílica de São João).

A Basílica de São João

Uma primeira basílica, de madeira, foi construída no local. Quando o cristianismo começou a se difundir, por volta do ano 300, foi construído um *martiryon*, tumba monumental sobre o túmulo, e em 350 foi construída uma cobertura de madeira sobre essa tumba.

[...] Sobre sua tumba, o imperador Justiniano e a rainha Teodora gravaram em um belo capitel de mármore a inscrição: ‘Este é o meu local de repouso para sempre, aqui habitarei’. ‘Conta a lenda que quando a tumba foi aberta séculos mais tarde, foi encontrada somente poeira, que rapidamente se dissipou no ar’. (Fonte: placa junto a maquete da basílica, da Fundação George B. Quatman).

De acordo com fontes escritas, a basílica estava em condições muito pobres no séc. VI d.C. O imperador Justiniano e a rainha Teodora construíram uma basílica com seis domos, de aspecto cruciforme, que possuía área era de 130m x 65m, e era uma das estruturas mais notáveis construída após o templo de Ártemis.

Como se tornou lugar de peregrinação, ficou conhecida como ‘igreja da cruz’, e, segundo fontes, necessitou de reparos no séc. XII.

Com o domínio turco em 1304, parte dela foi transformada em mesquita. Em 1365 um severo terremoto a destruiu.

(Fonte: Painéis expostos na basílica.)



Figura. 60 Ala Leste da Basílica de S. João.



Figura. 61 Detalhe das colunas de mármore.



Figura.62 Maquete da basílica construída no séc. VI (Sítio Arqueológico da basílica)

Casa da Virgem Maria

Em painéis expostos no local, que citam fontes dos Evangelhos, há também as seguintes informações, que corroboram que esse é o lugar em que teria vivido a mãe de Jesus:

Aldeões da localidade de Kirkince, descendentes dos primeiros cristãos de Efeso, passaram, através da tradição oral, que o local abrigou a mãe de Jesus, para eles denominado: panaghia kapulu e, tradicionalmente, no dia 15 de agosto, realizam peregrinações ao local.

A religiosa Catherine Emerich, da Bavária, no séc. XIX em suas visões descrevia em detalhes o local.

‘A tradição conta que em 1891 uma expedição de religiosos veio ao local. Após subir a encosta da colina, sedentos, pediram água a uma camponesa que respondeu que a água ali havia acabado, que subissem até o mosteiro, mais acima, que havia água. Quando chegaram ao local, perceberam surpresos, que o local era a exata descrição das visões da religiosa alemã’ (Fonte: material de divulgação adquirido no local).



Figura. 63 Maria dá as boas-vindas aos visitantes



Figura. 64 Casa de Maria



Figura. 65 Imagem do interior da casa.



Figura. 66 Fontes existentes no local

Museu Arqueológico



Figura. 67 Estátua de Tritão (fabuloso ser marinho) que compunha a fachada do palácio das águas (Museu de Efeso).

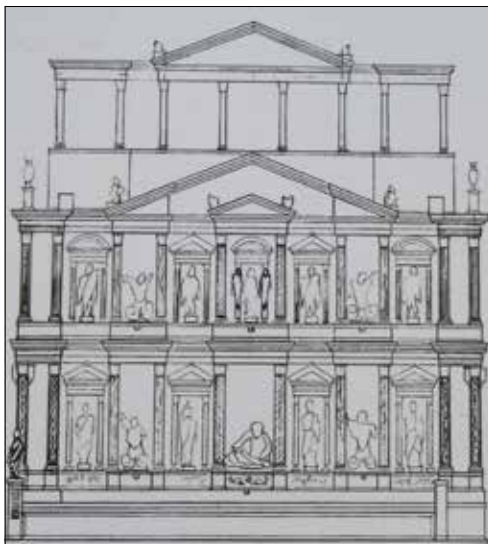


Figura. 68 Fachada do palácio das águas – Hidrodokeion (Sítio Arqueológico de Efeso)



Figura. 69 Parte de Friso de marfim, séc. II d.C. mostrando a vitória de Trajano sobre dácios e partas. ≈25cm de altura. (Museu de Efeso).

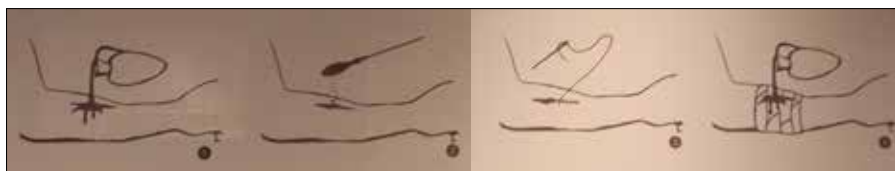


Figura. 70 Curativos na antiguidade (Museu de Efeso).



Figura. 71 Conjunto de estátuas do sítio arqueológico de Efésu, representando o episódio da Odisseia que Ulisses e companheiros embebedam o ciclope Polifemo (Museu de Efésu).



Figura. 72 Cavaleiro em Terracota do final do período romano. Os artistas reproduziam também figuras eróticas e de luta romana. (Museu de Efésu).

Sítio Arqueológico de Efeso



Figura. 73 Odeon (Efeso possuía dois teatros: um na parte alta e o grande teatro no outro extremo da cidade, a caminho do porto).



Figura. 74 Rua dos Curetes.



Figura. 75 Templo do Imperador Domiciano.

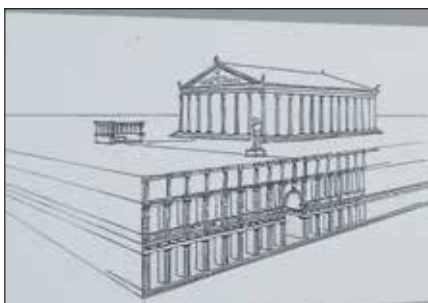


Figura. 76 Gravura do templo de Domiciano.



Figura. 77 Templo do imperador Adriano.



Figura. 78 Gravura do templo de Adriano.



Figura. 79 Gravura do portal.



Figura. 80 Portal do Imperador Adriano.



Figura. 81 Latrinas públicas.



Figura. 82 Fosso com água corrente sob as latrinas, dissipando dejetos e odores.



Figura. 83 Biblioteca de Celso (fachada reconstruída por arqueólogos alemães no séc. XX). Terceira maior biblioteca da antiguidade, com 12.000 rolos de pergaminhos e papiros, sendo a de Pérgamo a segunda e Alexandria, a primeira.



Figura. 84 Reprodução do interior da biblioteca de Celso.



Figura. 85 Portais para a ágora (espaço mercantil e comercial).



Figura. 86 Grande teatro.

O PENSAMENTO SINGULAR DO FILÓSOFO HERÁCLITO

Alinhado com os filósofos físicos desse período, que colocavam a base da natureza como manifestações da água, do ar, do infinito, centrando em um elemento, mesmo de natureza imaterial, Heráclito, além de fazer o mesmo com o fogo, distinguiu-se por apresentar uma visão bastante singular da natureza.

Suas afirmações sobre a impermanência da realidade, do constante fluir da existência e mesmo sua visão abrangente de processos como a sucessão do dia e da noite, considerado como um conjunto, colocam-no como possuidor daquilo que hoje se conhece como pensamento holístico, que abrange não apenas aspectos particulares de um fenômeno, mas uma visão total e abrangente da realidade.

Pesquisas atuais revelam que a percepção da realidade apresenta diferenças consideráveis entre os sexos, mentalidades (ocidental e oriental) e até, em um mesmo indivíduo, entre hemisférios cerebrais, sendo o esquerdo racional e o direito intuitivo.

Portanto, fica a questão se Heráclito não seria dono de uma mentalidade diferenciada em perceber processos, diferentemente de elementos. Mais relevante é o local que viveu Heráclito: de forte culto ao feminino. Teria essa realidade influenciado esse pensador?

Sua ideia do transcorrer do tempo, como um fluxo constante em que a realidade é fenômeno impermanente se assemelha aos conceitos atuais, descobertos pelos modernos atomistas da flutuação quântica, onde as partículas subatômicas (múons, quarks, etc.) existem e inexistem em milissegundos, assim como a existência da matéria, que atualmente a física considera apenas elétrons em orbitais e camadas a velocidades altíssimas, criando assim a ilusão da dureza dos corpos.

COLOFÃO

Para pesquisa do sítio arqueológico de Colofão, utilizei o material que consta no site da Faculdade de Arqueologia da USP. Nela, há a página eletrônica Labeca, *Laboratório de Estudo da Cidade Antiga*¹⁴. Há uma aba denominada *Nausitoo*, abrindo uma foto de satélite, com centenas de sítios arqueológicos. No texto referente a Colofão, há a indicação de que os vestígios da cidade estão bastante degradados (foto abaixo).

A visita a esse local foi realizada somente observando as muralhas externas conforme descrição abaixo.



Figura. 87 Foto da página eletrônica Nausitoo indicando os pontos visitados (ver texto).

Ao descer na rotatória (no alto à esquerda), dirigi-me primeiramente ao templo de Apolo Klarios, 2 km afastado desse local. Ao retornar, segui até a área de camping (abaixo) e tirei fotos dos vestígios de

¹⁴<http://labeca.mae.usp.br/>; <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/> (acessado em 24 de julho de 2018)

muralhas indicado 'local das fotos'. O centro de Colofão está distante aproximadamente 300 m.

No local, em placas de tráfego e indicativas de sítios arqueológicos não se encontra a indicação de Colofão, mas do sítio de Notion.



Figura. 88 Ao fundo a colina com vestígios de muralhas.



Figura. 89 Vestígios de muralhas.



Figura. 90 Vestígios de muralhas.

História de Colofão

Fundada por volta do 1º milênio a.C. era uma das mais velhas cidades da liga jônica. Seu nome vem do ornamento superior do elmo grego, e como metáfora significaria 'coroante' ou 'coroadá'. Possuía pinheiros que produziam uma resina excelente, denominada 'colofo-nia', utilizada em cordas musicais.

No período arcaico, filhos do rei de Atenas se fixaram em Colofão, aqui também nasceram os poetas Antímaco (≈480 a.C.) e Mimnermos (≈620 a.C.). Era caracterizada por ser rica e luxuosa, famosa pela cavalaria, até ser conquistada pelos lídios no séc. VII a.C., quando passou a declinar, perdendo sua importância.

A família do filósofo Epicuro, se viu forçada a deixar Samos e vir para Colofão, quando das lutas após a morte de Alexandre.

Templo de Apolo Klaros

O mito

Segundo o historiador Apolodoro e o filósofo bizantino Proclo, o vidente Calcas, após o fim da guerra de Tróia, veio a falecer aqui, e Estrabão chama de Klaros o lugar de sua morte, que seria mais tarde o centro da cultura de Colofão.

Um oráculo havia dito que Calcas morreria quando encontrasse um vidente melhor que ele, e como não pôde igualar Mopso, neto de Tirésias, morreu.

O mito relata que após a derrota dos tebanos, os argivos, vencedores, aprisionaram o vidente Tirésias e sua filha, Manto, e os enviaram como presente para o templo de Apolo em Delfos. No caminho, Tirésias veio a falecer.

Quando Manto chegou em Delfos, o oráculo recomendou que ela navegasse, juntamente com os tebanos remanescentes, para a costa jônica. Lá chegando, foram aprisionados por Lácio, líder do exército de Creta, que ao saber da história de Manto, casou-se com ela e tiveram como filho Mopso, que derrotou Calcas.

O Oráculo de Klaros na Antiguidade

Segundo Pausânias, o oráculo aconselhou os cidadãos de Esmirna a se mudarem da velha cidade, do outro lado da baía, próximo ao monte

Yamanlar, para a planície ao sul. Na época romana, Plínio, o Velho, destaca:

... ‘que em Colofão, há uma caverna de Apolo Klaro, onde há uma fonte, que se bebendo de sua água, se adquire poder, pronunciando maravilhosos oráculos, mas é encurtada a vida daqueles que a bebem’.

Iâmblico diz que no oráculo, durante o êxtase ‘... não há controle de si próprio, do que segue, do que se diz e de onde se está...’.

Gêrmanico, político romano, adotado por Tibério, visitou Klaros em 18 d.C. e foi profetizado, ‘em tons sombrios, como geralmente o oráculo faz’ que ele seria brevemente condenado. Um ano após, por sua inimizade com Piso, adoeceu e morreu, suspeita-se com o envolvimento de Tibério, que se sentia enciumado.



Figura. 91 Templo de Apolo Klarion.



Figura. 92 Maquete do Templo.

Esse templo é o único em estilo dórico na costa jônica, e começou a ser construído no séc. III a.C.

Acredita-se que as estátuas monumentais presentes no local cultuem Leto, Apolo e Ártemis e foram terminadas no fim do séc. II a.C.

Também é o único templo que possui dois áditos (salão principal, onde se realizam os oráculos, normalmente só permitida a presença da sacerdotisa), sendo o primeiro usado como sala de espera, e o segundo, onde havia a fonte, local dos oráculos. Muitas das melhorias do templo foram realizadas no período romano a partir de 31 a.C.

As escavações revelaram que 14 colunas foram deliberadamente colocadas abaixo quando o templo foi abandonado. No período helenístico havia um altar de 9mx18m, com mesas sacrificiais, dedicadas a Apolo e a Dioniso.

(Fonte: Painel exposto no sítio arqueológico).



Figura. 93 Estátuas Monumentais.

Achados arqueológicos revelaram duas rotas sagradas ligando o templo à cidade de Notion (lado marítimo de Colofão). Uma primeira rota com 4,07m de largura e abandonada na segunda metade do séc. VI a.C.; a segunda, com 4,20m de largura foi construída substituindo a primeira e abandonada no final do séc. IV a.C. Foram encontradas quatro estátuas arcaicas (*kouros*) ornamentando os lados leste e oeste dessas rotas.



Figura. 94 Monumento em honra de Sexto Apuleio, procônsul da Ásia, filho de Otávio e meio irmão do imperador Augusto.



Figura. 95 Proedria: assento protocolar no teatro.



Figura. 96 Relógio solar (utilizado pelos egípcios desde 1.500 a.C.). Sua haste, o gnomon, em grego quer dizer: ‘indicador’, ‘aquele que discerne’ e ‘aquele que indica’.



Figura. 97 Homero.

Homero

Escritores da antiguidade indicam que Homero era de Colofão ou Esmirna. Próclo (séc. V a.C.) diz: ‘... uns dizem que nasceu em Colofão, outros em Esmirna, não há cidade que não queira abraçá-lo como filho’. Afirmação também do novelista Luciano (≈155 d.C.). Assim, seria correto dizer que era um cidadão do mundo.

No verso de moedas de cobre de Colofão, Homero está sentado apoiando o queixo na mão direita,

tendo um rolo de pergaminho na esquerda.

Seu nome, segundo os antigos, significa 'cativo' ou 'cego'. Sua cegueira é relatada em fontes bem anteriores, como o hino de Apolo em Delos (pequena ilha, ao lado de Mikonos. Local mítico do nascimento de Apolo e Ártemis.).

Heródoto (c. 450 a.C.) estabelece que Homero viveu cerca de 400 anos antes dele, portanto, por volta de 850 a.C. Segundo Heródoto e Platão, Homero foi o pai de todas as crenças gregas. Fontes da antiguidade mostram que o dialeto em seus poemas indica a origem jônica de Homero. (Fonte: Painel Exposto no local).

ESMIRNA

São muitas as sugestões de especialistas referentes ao nome da cidade, mas é geralmente aceito que se trata do nome de uma amazona. Como muitas outras cidades eólicas e jônicas da costa ocidental da Anatólia, Esmirna era uma cidade costeira estabelecida em uma pequena península da baía de Esmirna. A área em torno do monte Bairakli (*nas pesquisas encontrei outro nome: Yamanlar, acreditando que Bairakli é o nome da cadeia montanhosa, a nordeste da atual Esmirna*) era descrita como pantanosa, mesmo por viajantes mais recentes, e preenchida por sedimentos trazidos pelo rio Meles.

O núcleo desse monte é uma colina rochosa com 14m de altitude e ocupada por assentamentos humanos ininterruptamente entre 3000 a 300 a.C., e a área cumulativa de vários períodos de assentamentos é maior que 100.000 m². Esses assentamentos do 3º e 2º milênios ocupam pequenas áreas. As áreas de ocupação que começaram a surgir no período geométrico, atingiram sua maior dimensão entre 630 e 545 a.C., declinando no séc. V a.C., mas voltando a crescer no século seguinte. No fim do séc. IV a.C., a cidade se muda para as encostas do monte Pagos (atual Kadifekale) à sudoeste.

Estima-se que a população da velha Esmirna era de 1000 habitantes no 3º e 2º milênios, alcançando 3000 habitantes em seu auge.

Dados obtidos em escavações por E. Akurgal (arqueólogo, professor da Univ. de Ancara - 1911 a 2002), em 1968 da velha Esmirna, mostram que a população na idade do Bronze (3000 a 1050 a.C.) construía casas de pedra com pé direito de 3-3,5m.

Durante a idade do Ferro (≈1200 a.C.), as casas possuíam um único ambiente de tamanho variado, dentre essas ‘casas ovais’ de um ambiente foi encontrada uma em excelente estado datando de 925-900 a.C., construída com fundações de pedras e tijolos de barro, sendo a cobertura de junco. Essas cidades eram fortificadas com uma estreita muralha de tijolos e posteriormente o assentamento pôde ser identificado como uma cidade-estado.

O auge da velha Esmirna se deu entre 650 a 545 a.C. e durante esse período a cidade viveu o mais alto nível da civilização jônica. Naquela

época, a população teve papel importante no comércio, estabelecendo colônias nas costas egípcia, síria, do mar Negro e do mar de Mármara. Artefatos de origem fenícia, cipriota e mediterrânea têm sido encontrados, documentando evidências de comércio ultramarino.

O templo de Atenas, descoberto em escavações na velha Esmirna, é o mais antigo monumento arquitetônico da arte eólica e jônica. Os capitéis eólicos e jônicos e outros elementos arquitetônicos originais, cujas fases mais antigas remontam a 727-700 a.C., receberam inspiração da arte hitita da Anatólia. Esses elementos foram os pioneiros da arte arquitetônica jônica.

Dentre os vários achados arquitetônicos, há casas com vários ambientes construídas na segunda metade do séc. VII a.C., com um *megaron* (grande sala) planejado com outras quatro salas e pórtico. Essa é a mais antiga casa com vários ambientes com a mesma cobertura conhecida até hoje.

A orientação das ruas é no sentido norte-sul e leste-oeste, com a habitação geralmente voltada para o sul. Esse é o chamado plano em grade ou reticulado, após o arquiteto Hipodamo, aplicado a partir do séc. V a.C., mas de forma mais simples desde o séc. VII, em Bairakli.

Como outras cidades jônicas, expoente na ciência e filosofia no VI séc. a.C., a velha Esmirna ficou fora do interesse de autores antigos devido à posterior perda de importância, após 450 a.C., sendo a única informação de autores antigos, que Onomastos de Esmirna ganhou uma homenagem competindo na 23ª olimpíada em 688 a.C., não havendo nenhuma outra informação sobre literatura, ciência, história ou filosofia.

Em 600 a.C., Esmirna caiu sob o poder do rei lídio Alietes e, apesar de a cidade e templo de Atenas serem destruídos nessa invasão, a população reconstruiu o templo e restaurou a cidade, como nos dias de auge, mas em 545 a.C. com a destruição, devido à invasão dos persas, terminaram os dias de glória da cidade, e mesmo o templo sendo abandonado, a cidade continuou a ser ocupada. Após esses eventos, a cidade perdeu importância por 200 anos, e por volta do séc. IV a.C. começou a ser densamente povoada. Em cerca de 300 a.C., o superpovoamento ocorrido devido a seu desenvolvimento, fez com que

a população se mudasse para assentamentos nas encostas do monte Pagos (atual Kadifekale).

Ágora

Remanescentes arqueológicos encontrados no local indicam que a Ágora foi construída no final do séc IV. Do período helenístico em diante, ela foi sendo ampliada com novos espaços, sendo que sua forma atual provém dos sécs. III e VI d.C. e se manteve preservado até pelo menos o séc. VII d.C. Era um centro político, administrativo, judicial e comercial, e devido às características de relevo do local, foi construída dessa forma. Em seus pátios haviam monumentos, estátuas, altares e assentos em mármore (*exedrae*).

Fonte: Painéis expostos no local.



Figura. 98 Colunas na entrada da Ágora.



Figura. 99 Teto em abóboda de arcos. ('... os romanos se tornaram grandes especialistas na arte de construção de abóbodas...' Gombrich, *História da Arte*, p. 121, LTC – 16ª Ed., trad. Álvaro Cabral).



Figura. 100 Sequência de arcos. Um dos vários corredores com o mesmo formato.

Museu Arqueológico



Figura. 101 Estátua encontrada em lápide – período romano (notável o vigor que o artista imprime na representação).



Figuras. 102 e 103 Artigos de ourivesaria – séc. V a.C.



Figura. 104 Pannel exibindo as formas de cerâmicas (este museu apresenta uma grande quantidade de itens cerâmicos).

A **cerâmica** é uma das principais inovações do período neolítico (8000 a 5500 a.C.), quando se iniciam os primeiros exercícios com agricultura e o homem cria assentamentos. Na fase II da idade do bronze (≈ 3400 a.C.), já se torna uma indústria, quando a roda de oleiro é utilizada pela primeira vez. No 1º milênio a.C., cerâmicas com figuras eram muito populares.

O nome vem do grego '*keramos*' e significa 'argila de oleiro'. Ele designa louças feitas de argila e endurecidas pelo fogo, a temperaturas entre 700° e 2000°C , além da aplicação de vernizes. O processo de queima pode se repetir por até três vezes.

As cerâmicas obtidas em escavações arqueológicas são informações em primeira mão que

ajudam a relatar o sítio e fornecer dados das camadas culturais, especialmente aquelas produzidas entre os sécs. VII e V a.C., sendo importante fonte concernente à vida social, religiosa, costumes, alimentação e arte do período. *Fonte: painel exposto no Museu).*



Figura. 105 Vasos cerâmicos.

A técnica da figura negra em cerâmicas começou a ser aplicada na Ática (região de Atenas e vizinhanças), por volta de 630 a.C., desenvolveu-se através do séc. VI a.C. e tornou-se dominante em todos os mercados ultramarinos. Durante o mesmo século, os artistas enriqueceram o repertório de objetos representados que esboçavam nos vasos, sendo que figuras humanas foram substituídas por motivos de plantas e, mais tarde, moveram-se como de interesse secundário.

Mesmo sendo considerada uma técnica adequada, especialmente para a determinação e narração de ações, o artista não poderia fazer uma tradução progressiva de detalhes anatômicos.

Utensílios domésticos produzidos ou recuperados nas cidades do oeste da Anatólia geralmente eram influenciados por Corinto, e os oleiros locais eram capazes de enriquecer as figuras adicionando seu próprio conhecimento e influências. Cidades como Clazomena alcançaram considerável nível na produção e distribuição de utensílios cerâmicos que produziam de acordo com seu próprio estilo via colônias estabelecidas ao longo das costas do Egeu e Mediterrâneo.

O artesanato utiliza duas ferramentas: um pincel e um fino cinzel para raspar. Primeiro ele pintava o motivo ou figura no vaso em forma de sombra (silhueta), a seguir fazia os detalhes com incisões nas partes necessárias com o cinzel. Espaços ou quaisquer áreas entre os detalhes eram geralmente pintados com corantes brancos ou negros. O ponto mais importante na determinação do estilo descrito acima dessa técnica consistia na incisão das linhas. Após isso, aplicava-se um esmalte sobre a silhueta. As áreas pintadas de vermelho e branco são geralmente consideradas secundárias.

É possível comparar estilos de pintores de vasos antigos com os modernos caricaturistas. Estes têm suas próprias formas e detalhes que se repetem. Seus esboços devem sempre ser finalizados em curto espaço de tempo. Um olhar cuidadoso pode facilmente reconhecer o artista sem olhar a assinatura, ou pode mesmo distinguir muitos cartoons de acordo com seu artista preferido. O artista de hoje também tem limitadas ferramentas e deve completar seus projetos em um curto espaço de tempo, assim como no passado, e não tem tempo de mudar contornos, formas e detalhes os quais foram aplicados desde o início.

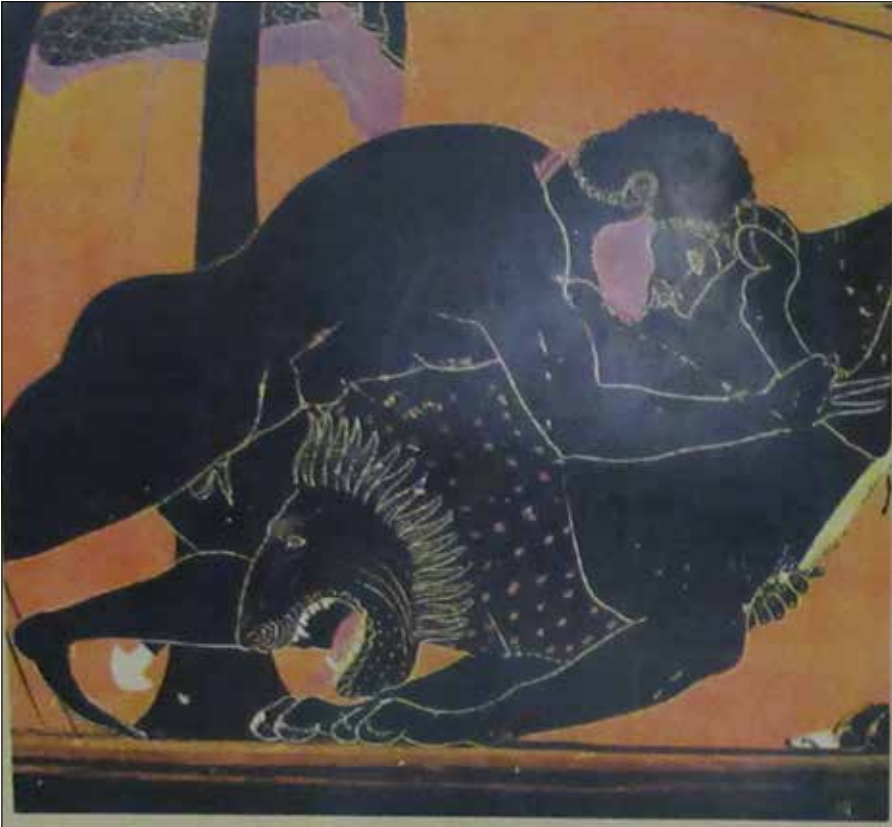


Figura. 106 Figura negra, Hércules e o leão de Neméia, Psiax, 510 a.C.
(detalhe de imagem – Museu de Esmirna).

Esses tipos de inovações foram descobertas por um pequeno número de artistas como Klesias, Lidos, Eksekias, Amasias e Andokides que eram muito talentosos e destinados ao conhecimento de cerâmicas decoradas solicitadas pela alta classe social. Outros artistas tinham o conhecimento de produção em massa devido às dificuldades econômicas e ganhavam tanto quanto produziam. *(Fonte: painel exposto no Museu).*

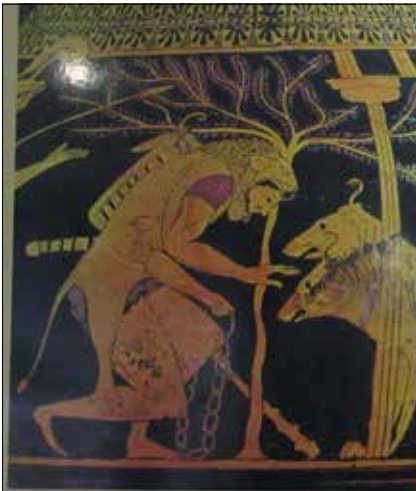
A técnica da figura vermelha surgiu por volta de 530 a.C., também na Ática e continuou pelo séc. V a.C. com total eficiência. Oposta àquela da figura negra, a figura principal e decoração eram recobertas com uma pasta colorida, sendo o restante recoberto com esmalte

negro; o motivo principal era assim separado do fundo negro, o qual parecia como se estivesse sob um foco de luz, em um claro contraste.

Há várias sugestões para o aparecimento dessa técnica. Alguns pesquisadores mostram a emergência dessa técnica como uma adaptação das figuras de fundo negro azulado aparecendo em artefatos, especialmente relevos nos vasos. Recentemente, especialistas têm sugerido que as técnicas de figuras negras e vermelhas foram originalmente baseadas em vasos feitos de prata e ouro, embora seja uma teoria bastante controversa.

Essa técnica tem algumas características superiores comparadas à técnica da figura negra. Nessa nova técnica, os detalhes internos são feitos por meio de pincéis finíssimos (fio de cabelo) e pontas suaves. Os vestuários foram enriquecidos e ganharam profundidade. Especialmente durante o período arcaico tardio, um grupo de pintores, conhecido como 'pioneiros', tem aplicado essa técnica com sucesso e frequência superiores.

Pelo final do V séc. a.C., as figuras se tornaram esboços primários, sendo sombras e perspectivas abandonadas: a causa foi a sobreposição. Durante o séc. IV a.C., as oficinas continuaram a produzir vasos de figuras vermelhas de pobre qualidade, e a produção de vasos que era comumente conhecida como esmalte negro gradualmente se tornou mais popular.



*Figura. 107 Figura vermelha.
Luta entre Hércules e o cão
Cérbero. Andokides, 520-510 a.C.
(Detalhe de imagem. Museu de
Esmirna.*



Figura. 108 Atleta correndo – estátua de bronze – período helenístico tardio (50 a 30 a.C.).

A figura ao lado foi encontrada na costa do mar Egeu, próximo à cidade de Nemrut, antiga Kime.

Devido ao fato de o bronze ser um material que pode ser fundido e usado novamente, somente poucos materiais permanecem de eras passadas, daí o lugar importante que ocupam em coleções de museus.

Nos jogos olímpicos da antiguidade, na região do Egeu e Grécia, somente homens podiam competir, e o faziam nus, demonstrando o desempenho do corpo.

Os vencedores costumavam ser honrados com coroas feitas com ramos de oliveira.

Eram também reconhecidos por meio de estátuas esculpidas para honrar seus triunfos.

(Fonte: Texto ao lado da estátua).



Figura. 109 Representações da deusa Atena.

Na mitologia, **Atenas** é filha de Zeus e Métis, e um dos doze deuses do Olimpo. Carrega uma lança, elmo e escudo que são seus símbolos, sendo que seu escudo ostenta a cabeça da medusa.

Na *Ilíada*, Atenas era uma deusa da guerra, passando a ser representada como legisladora na *Odisseia*. Cidades da Anatólia ocidental como Tróia, Assos, Focea, Esmirna, etc. adotaram Atenas como deusa protetora, assim como outras cidades da antiguidade, além de oferecer itens muito valiosos, em templos construídos para devoção.

Os festivais panatenaicos foram organizados em sua honra e tinha lugar muito importante no mundo helenístico referente à cultura, religião e arte. *(Fonte: Texto informativo ao lado do painel.)*

Museu Etnográfico da Cultura Turco-Otomana



Figura. 110 Edifício do Museu Etnográfico de Esmirna.



Figura. 111 Oficina de vidraceiro. Sobre o forno, na ponta de uma haste, o famoso 'olho grego', usado como proteção e presente em todo litoral do Egeu.



Figura. 112 Oficina de estamparia em tecidos.



Figura. 113 Confecção de calçados.



Figura. 114 Calçados femininos.

CLAZOMENA

A Eletricidade, o Átomo de Cobre e as Homeomerias de Anaxágoras

Anaxágoras foi contemporâneo do atomista Leucipo, e sua afirmação sobre as homeomerias, que utiliza como exemplo o ouro, vai ao encontro dos princípios atomistas. Porém, na atualidade, encontrei um exemplo que melhor ilustra seu pensamento, não só em função do elemento químico, mas também da funcionalidade, é o caso do átomo de cobre e a produção de eletricidade.

Devido à disposição dos elétrons nesse elemento, seu último nível eletrônico N, tem somente um elétron, característica que o torna ideal para a geração da eletricidade.

Uma bobina tem como partes um rotor axial, que se movimenta no interior do estator e ambos formados de cobre. Em uma hidrelétrica, o rotor tem ligado ao seu eixo as pás que, devido à ação da queda d'água o movimentam. Esse movimento, simples atrito, faz que o último elétron seja arrancando desse nível eletrônico e flua sobre a superfície da fiação.

Com a quantidade incontável de átomos que há no rotor, estator e na fiação que leva essa corrente, é fácil visualizar essa torrente eletrônica. Voltando ao pensamento de Anaxágoras, vê-se que a eletricidade, em sua manifestação macro, que todos conhecem, também estará presente em um único átomo de cobre naquele elétron que reproduz a funcionalidade ou homeomeria idealizada pelo pensador.

Liman Tepe

Na pesquisa sobre Clazomena, encontrei referência sobre o sítio arqueológico de Liman Tepe. Ele está localizado em uma pequena península à frente da ilha de Karantina, e na entrada da cidade de Urla,

vindo de Esmirna. Situa-se na encosta de um monte, hoje parcialmente submerso, no sentido norte e sul.

Já foram descobertas sete camadas arqueológicas da presença humana nesse local:

- Superior: período arcaico e clássico (800 a.C. a 480 a.C.);
- Segunda camada: idade do bronze tardia (1400 e 1300 a.C.);
- Terceira camada: formada por quatro subcamadas:
 - Terceira subcamada: idade do bronze média (2000 a.C.). Presença de oficinas comunitárias: construções ovais destinadas à metalurgia, cerâmica e tecelagem.
- Quarta camada: idade do bronze – Fase III (3000 a.C.);
- Quinta camada: idade do bronze – Fase II (3400 a.C.): é a mais pesquisada, com construções com bastiões, sistema de defesa de uma cidade oval; um porto pré-histórico, hoje sob o mar. No centro da cidadela, há um grande edifício, como um palácio que se acredita representando a autoridade política, econômica e religiosa; presença de uma grande cidade baixa ocupada pela população.
- Sexta camada: idade do bronze inicial – Fase I (3.800 a.C.) Vestígios de fortificação e rampa de pedras.
- Sétima camada: período calcolítico tardio (4000 a.C.) Vestígios situados abaixo da rampa da sexta camada.

Quando se consideram os achados neolíticos situados 6000 a.C., Liman Tepe mantém fatos e segredos históricos de seis mil anos em seu contexto. Essas particularidades a tornam o mais antigo centro arqueológico cobrindo o mais longo tempo da costa oeste da Anatólia.

(Fonte: Painel exposto no Museu Arqueológico de Esmirna).



Figuras. 115 Sítio arqueológico de Liman Tepe.



Figuras. 116 Sítio arqueológico de Liman Tepe.



Figuras. 117 Sítio arqueológico de Liman Tepe.

Pier de Alexandre



*Figura. 118 Pier em imagem de satélite.
(Fonte: Google Maps).*

A Clazomena da antiguidade primeiramente estava assentada no continente. Devido aos constantes ataques, a cidade foi transferida, por segurança, para a ilha de Karantina. Na época de Alexandre, ele construiu um píer, que permanece até a atualidade, ligando a ilha ao continente.



Figura. 119 Pier de Alexandre

PÉRGAMO

Habitada desde períodos pré-históricos, Pérgamo e seu entorno se tornaram centro importante no período helenístico e romano. Artefatos de escavações mostram que havia um pequeno assentamento entre os sécs. VI e V a.C., entretanto, cabe destacar que, devido à situação topográfica do local, no alto de um monte, a ampliação da cidade na antiguidade levava ao desaparecimento de camadas culturais arqueológicas mais antigas, ocasionando a perda permanente de evidências daquelas ocupações.

A cidade esteve sob o poder de Alexandre a partir de 334 a.C. e, após sua morte, seu general Lisímaco assumiu o poder em 301 a.C. e deu um tesouro de 9.000 talentos para Filetero, seu tenente, para que este fortificasse a cidade, mas ele utilizou os recursos para implantar o poder de sua dinastia (≈263 a.C.): os atálidas, que ampliaram grandemente a cidade e perduraram até 133 a.C., quando Atalos III deixou a cidade em testamento para o império romano.

Sob o poder de Roma, a população alcançou 150.000 pessoas, época na qual surgiu o cristianismo, formando uma de suas primeiras igrejas.

O santuário de Asclépio, importante local de tratamento da saúde, foi criado no séc. IV a.C. e continuou a se desenvolver no período helenístico, alcançando seu apogeu no séc. II d.C., tornando-se importante local de cura.

Com a queda do império romano, Pérgamo veio a cair sob domínio bizantino em 395 d.C., tornando-se menor e tendo na época uma estreita muralha. Em 716 d.C., foi ocupada brevemente pelos árabes e em seguida pelos turcos. Durante os tempos de prosperidade selêucida e otomana, essas construções antigas foram consideradas muito importantes e as estruturas arquitetônicas civis e religiosas mantidas.

(Fonte: Painéis do Museu de Bérgama).



Figura. 120 Maquete da Acrópole (do grego: cidade construída em terreno elevado) de Pérgamo. À frente, à direita, o teatro; e do lado direito, o altar de Zeus.



Figura. 121 Teatro com 10.000 assentos.



Figura. 122 Espaço do palco do teatro. Pequenas Estruturas vazadas indicam suportes para uso de palcos itinerantes – período helenístico.



Figura. 123 Hall do Imperador Trajano.



Figura. 124 Vestimenta de imperador.

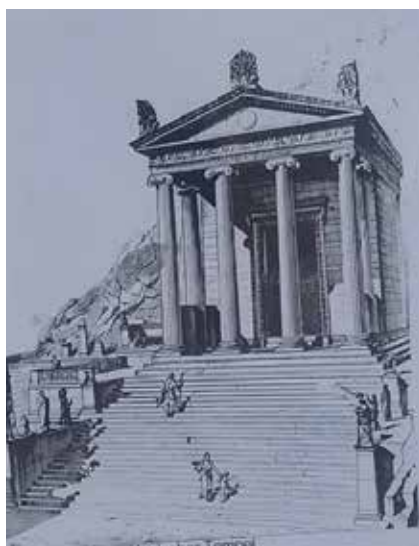


Figura. 125 Gravura do templo de Dionísio.



Figura. 126 Onze celas serviam de abrigo para gladiadores, depósito, jaula para animais do circo e prisão.

Altar de Zeus

No reinado de Atalos (241-197 a.C.) e seu sucessor, Eumenes II (197-159 a.C.), lutas difíceis foram travadas contra os gálatas¹⁵, que espalharam o medo em Pérgamo e outras importantes cidades do Egeu, continuamente forçando cobranças (butins) e pilhagens.

Finalmente, Pérgamo saiu-se vitoriosa, também superando os selêucidas¹⁶ e bitínios¹⁷, que nutriam inimizades com Pérgamo. Após essas vitórias, a cidade ganhou amplitude e poder na Anatólia.



Figura. 127 Local do altar, hoje em Berlim.

¹⁵ Tribos vindas da Gália que haviam se deslocado para a Trácia, atual Bulgária.

¹⁶ Reinado helenístico, que após a morte de Alexandre, abrangia o centro oeste da Anatólia.

¹⁷ Tribos da Trácia, como os gálatas, que habitavam o noroeste e norte da Anatólia.



Figura. 128 Altar de Zeus (Parque Miniaturk – Istambul).



Figuras. 129 Altar de Zeus (Parque Miniaturk – Istambul).



Figuras. 130 Altar de Zeus (Parque Miniaturk – Istambul).

Templo de Serápis/Basílica de São João



Figura. 131 Templo de Serápis (Osíris+Ápis), sendo o mais importante edifício no apogeu de Pérgamo sob o comando dos imperadores Trajano e Adriano, II séc. d.C., quando a cidade excedeu os limites da acrópole e se estendeu para a planície (atual Bergama) com plano de ruas também quadriculado. Mais tarde, com a implantação do cristianismo, esse templo se transformou na basílica de S. João.

Santuário de Asclépio

Foi um dos três mais importantes centros médicos e terapêuticos da antiguidade, estabelecido no meio do séc. IV a.C. próximo ao monte Geyikli, onde há muitas fontes, que se acreditava sagradas.

O santuário veio a florescer no período helenístico e tomou sua forma atual sob o comando do imperador Adriano, sendo seu período de maior auge no séc. II d.C., abrigando famosos terapeutas, dentre eles Galeno, que após trabalhar aqui, foi terapeuta de vários imperadores em Roma.

De acordo com a lenda, Arquias, primeiro pritaneu (membro do conselho da cidade) de Pérgamo, feriu-se em uma caçada na Grécia e foi curado no famoso templo de Asclépio em Epidauro. Após sua cura, introduziu o culto a Asclépio de forma a expressar sua gratidão ao deus da medicina.

Da primeira fase da construção, havia edifícios, hoje desaparecidos, construídos sobre três fontes existentes, dedicados a *Asklepio Soter* (salvador), *Higeya* (Higia), sua filha, e Apolo, seu pai. Das salas de internações do período helenístico somente as fundações estão preservadas.

No período romano, o santuário tornou-se um centro médico renomado, com uma entrada, chamada '*virankapi*', seguida de um portão monumental denominado '*propilon*', com colunas coríntias e um pátio também colunado (construído pelo historiador e cônsul Claudio Charax no séc. II d.C.), teatro, livreria, o templo circular a Zeus Asclépio, estruturas de cura circulares com dois pisos, onde pacientes ricos e notáveis vinham se curar, e a via Teta: caminho com um quilômetro de extensão abobadado em direção a Pérgamo. Na entrada, os pacientes recebiam uma triagem.

O teatro foi construído por cidadãos notáveis de Pérgamo e tinha capacidade para 3500 pessoas. Foi o primeiro teatro da Anatólia com um cenário de três andares.

Devido ao aumento de pacientes, duas novas estruturas de cura de dois pisos circulares foram construídas na parte sudeste do santuário, sendo que o piso superior não resistiu até o presente.

Uma passagem subterrânea coberta (*cryptoporticus*), de 70m de extensão, foi construída entre as salas de internação e estruturas circulares de cura, para proteção contra condições adversas do clima. Além disso, havia um ambiente místico nesse local gerado pela tranquilidade e o som das águas caindo nas fontes sagradas e descendo abaixo, sendo considerado um local de suporte de tratamento.

O templo de Zeus Asclépio ficava a leste do santuário, construído pelo cônsul L. F. Rufinos, em 150 d.C., e baseado no Panteão de Roma. Era um alpendre coroado com um frontão de dupla camada e havia sete nichos alternados no interior do templo. A estátua de Asclépio, para culto, ficava em um nicho no lado oposto à entrada.

Flávia Metiline, da nobreza de Pérgamo, dedicou a biblioteca ao santuário, ao norte do Propylon, após a estátua de Adriano. Hoje, a estátua está no museu de Bérghama.

O orador Hélio Aristides, que residiu em Pérgamo por treze anos, em meados do II séc. d.C., menciona práticas de tratamento e métodos no livro *Hieroi Logoi* (Contos Sagrados). Eram aplicadas, usualmente, várias formas de fisioterapia, utilizadas até hoje; ingestão de água sagrada quente ou fria, banhos de lama, dietas, ervas de cura e massagens com cremes.

Pacientes com problemas psicológicos ingressavam em dormitórios, chamados *'abaton'* e, posteriormente, contavam seus sonhos aos *'asklepiades'*, sacerdotes doutores, que interpretavam e indicavam o tratamento a receber

Devido às dificuldades de Roma a partir do séc. III d.C. e difusão do cristianismo, o *Asklepeion* foi perdendo importância, o que se acentuou com o terremoto ocorrido em 262 d.C.

Oferendas votivas demonstrando a cura de pacientes são exibidas hoje no museu de Bergama. (Fonte: Painéis no local e no Museu de Bergama).

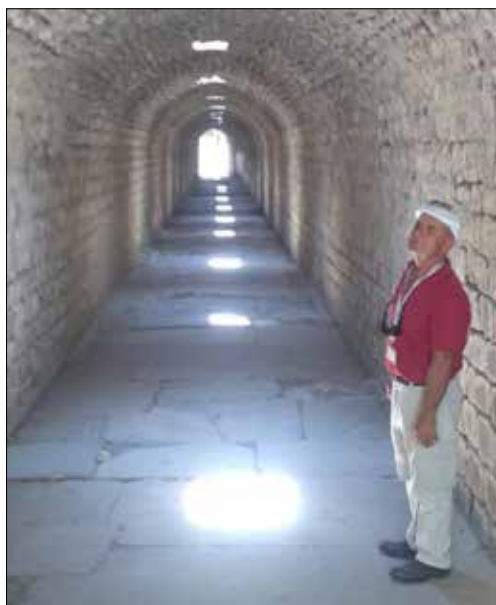


Figura. 132 Corredor para abrigo de pacientes.

Eu gostaria de reconhecer a ajuda e generosidade do Sr. Ayshar, professor de inglês aposentado e guia pelos sítios arqueológicos de Pérgamo, fotografado aqui.

Ele nos conta que nesse corredor de 70m, 'cryptoporticus', enquanto os pacientes caminhavam, pelas janelas superiores, os asclepiades sussurravam frases que eram interpretadas como o próprio Asclépio se dirigindo a eles.



Figura 133 'Recepção' do santuário Asclépio. Pela descrição que recebi, sua organização era bastante similar aos hospitais modernos.



Figura 134 Blocos de pedra eram vazados para amarrar cordas de montarias que conduziam os pacientes.



Figura. 135 Assentos demarcados por categoria de moléstias.



Figura. 136 Foto das três farmácias que existiam no local.



Figura. 137 (ao lado). Os farmacêuticos colocavam tigelas de leite para cães e gatos. Entretanto, as cobras é que vinham tomar! Esse fato, representado ao lado em coluna original do santuário de Asclépio (museu de Bergama), é que gerou o símbolo moderno, o caduceu, das Ciências médica e farmacêutica.

Outro fato, relacionado a isso é que o santuário não tratava de grávidas e casos terminais, e já na triagem dispensavam casos incuráveis. Alguns pacientes, em desespero, pensavam que se tomassem aquele leite das cobras morreriam devido ao veneno, o que não ocorria, pois se houvesse veneno, seria inócuo, pois introduzido por via oral, a letalidade do veneno só ocorre se inoculado no sistema sanguíneo.

(Relatado pelo Sr. Yashar).



Figura. 138 Via Teta.



Figura. 139 Sala de Tratamento Circular.

Nesse salão (figura 139), o tratamento era dado com o terapeuta andando com o paciente e discutindo o sonho que tivera.

Segundo o Sr. Ayshar, no momento em que o paciente dormia na cela (abaton), o terapeuta ficava sussurrando palavras, frases, induzindo o paciente no processo de cura.



Figura. 140 Entrada de água (desses dois orifícios da parede descia água que corria pela canaleta no solo. O objetivo era proporcionar um som relaxante que ajudava no tratamento. Isso recorda as pequenas fontes atuais com cascatas em consultórios e residências).



Figura. 141 Teatro (daqueles que visitei, esse se encontra em melhores condições de preservação. Notável o mármore do palco).



Figuras. 142 e 143 Alguns achados arqueológicos, ligados à terapêutica, encontrados no santuário (museu de Bergama).

Museu de Bergama - Seção Antiguidades



Figura. 144 Golfinhos – santuário Asklepeion – símbolo de Apolo Delphinion, pai de Asclépio.

Escola Estatuária de Pérgamo

Sendo política e economicamente poderosa, Pérgamo se tornou uma cidade líder nas ciências e nas artes durante o período helenístico na Anatólia. O interesse real nesses aspectos e o apoio dado aos artistas indubitavelmente tinham algo a proporcionar para criar uma referência e centro cultural.

A escola de Pérgamo enfatizava a novidade da escultura grega do IV séc. a.C. O estilo artificial e grosseiro do V séc. a.C. foi suplantado por uma tendência realista e naturalista. Agora, os deuses eram representados como personalidades acessíveis e corpos esportivos parecendo mais naturais, as figuras pareciam mais reais, sendo suas expressões faciais mais vivas, de acordo com seus movimentos, e mais próximas da reali-

dade. Algumas das características do estilo dessa escola, pioneira no estilo barroco, são: anatomia do corpo trabalhada em detalhe, dando aos músculos uma forma exagerada; riqueza de movimento; expressões do corpo severas e definidas; existe um paralelo à ação do corpo, pela criação de sombras; expressões exageradas revelando emoções, como o sofrimento, expressões criadas por carrancas, dando um olhar trágico aos olhos, também se vê excitação e entusiasmo; cabelos de estátuas masculinas e relevos são apresentados desgrenhados.

Entre os muitos grupos de produção dessa escola, aquelas estátuas (do altar de Zeus) dos gálatas, solicitadas pelo rei Atalos I, lembrança de sua vitória sobre aqueles, tiveram lugar de destaque. Os originais,

de diferentes períodos, têm sobrevivido por meio de réplicas de mármore em vários museus.

O altar de Zeus é certamente o trabalho mais importante da escola de Pérgamo (ver acima), representando cenas da gigantomaquia, em frisos externos da estrutura, trabalhados em alto-relevo, sendo os gigantes representando os gálatas; e os deuses, os pergamenses contemporâneos de Telefos (fundador mítico de Pérgamo e filho de Hércules e Auge – filha do rei Aleus de Tegea), sendo a vida dele exposta nos frisos internos do altar.

Os retratos em estátuas também tiveram parte importante nessa escola, sendo o mais destacado aquele de Alexandre, o Grande, exposto no museu arqueológico de Istambul.

A partir do II séc. a.C., a estatuária de Pérgamo começou a declinar, sendo suplantada por outras escolas, como a de Rodes, influenciada pelo estilo pergamense do 'pathos' (sentimentalista) e a escola de Afrodísia, centros que se tornaram importantes, quando escultores pergamenses para lá emigraram em tempos romanos.



Figura. 145 Cabeça de Alcinoos – friso do altar de Zeus, representando o estilo pergamense (ver texto acima)



Figura. 146 Relevô de sepultura – Via Teta – Santuário de Asclépio (museu de Bergama)



Figura. 147 Cabeça de Alexandre – Cópia (museu de Bergama)

Seção de Cultura Turco-Otomana



Figura. 148 Representação da noite de noivado.



Figura. 149 Cozinha.



Figura. 150 Traje típico feminino.



Figura. 151 Tecelagem

ISTAMBUL

Embora minha intenção fosse visitar sítios arqueológicos, museus e monumentos ligados aos primeiros filósofos da costa jônica, a chegada a Istambul provoca uma amplitude cultural inescapável.

Não se pode esquecer de que na Anatólia ficava o berço de Esopo, o reino da Frígia e do lendário rei Midas; que acima da costa jônica se encontra Tróia e, em tempos mais recentes, devido às conquistas de sultões e as riquezas advindas da rota da seda, algumas visitas se traduzem pela expressão ‘riquezas incalculáveis’ que se lê nas estórias de Aladim e das Mil e Uma Noites.

Pré História da Região de Istambul

Através das idades, Istambul serviu de ponte de relações culturais, políticas e comerciais entre a Ásia Menor (Anatólia) e a península dos Balcãs.

Na era glacial, o mar Negro e o mar de Mármara eram lagos e os estreitos de Istambul e Dardanelos eram vales. Dezesesseis mil anos a.C., com o início do descongelamento dos glaciares e o aumento do nível do mar, os efeitos também foram sentidos nessa região.

No 6º milênio, devido à pouca profundidade dos estreitos de Galipoli e Istambul, a elevação contínua das águas no mar Egeu inundou a área que é hoje o mar de Mármara e, dali, para a região do atual mar Negro.

Evidências desse estágio de transição e transformação têm sido encontradas em Fikirtepe, assentamento pré-histórico na localidade de Kadiköy, 6 km a sudeste de Istambul, onde espécimes fossilizados marinhos puderam sobreviver em ambientes de água doce e salgada.

Habitações humanas têm sido contínuas no estreito de Istambul e vizinhança desde tempos muito remotos.

Nas eras pré-históricas, de tempos em tempos, a região de Mármara experimentou colapsos tectônicos e aumento do nível do mar. Como

consequência, um grande número de sítios pré-históricos encontra-se submerso sob as águas do mar de Mármara.

(Fonte: Paineis expostos no Museu arqueológico de Istambul).

Idade do Ferro (1260 a 546 a.C.) na Anatólia

Inicia-se por volta de 1300 a.C., quando tribos dos balcãs, dentre eles os Frígios, passando pela Trácia, invadem a Anatólia. Essa idade vai até a queda do império Hitita pelos persas, em 546 a.C.

Nessa invasão, foram saqueadas e queimadas cidades do oeste e centro da Anatólia, particularmente Hatusha – capital do império hitita – e cidades na bacia do rio Halys (atual Kizilirmak).

O desaparecimento do império Hitita criou um vácuo no poder, pois os invasores eram primitivos e o desenvolvimento cultural dos assentados foi perdido, exemplo da escrita cuneiforme, que utilizada desde o 2º milênio a.C. estava então fora de uso. A região mergulhou em uma idade empobrecida de registros denominada idade das trevas ou idade do ferro inicial.

O período 850-580 a.C. induziu, devido à grande onda de migrações, os remanescentes de assentamentos Hititas do sul e sudeste a se organizarem em pequenos reinos mantendo as tradições, sendo encontrados vestígios dessa época em várias localidades, espalhando, inclusive, o uso da escrita hieroglífica e cuneiforme desse povo. No séc. VII a.C., os assírios derrubaram esses reinos Hititas.

No período de 850-580 a.C., no leste da Anatólia, atual Armênia, registra-se o reino Urartu, formado em torno do lago Van. Eram civilizações bastante desenvolvidas com cidades planejadas, pedras trabalhadas na arquitetura, infraestrutura de pedras e construções com tijolos magistralmente assentados, pinturas murais e afrescos em recintos, construíam canais e barragens, utilizavam de maneira extensiva os recursos minerais e metalurgia desenvolvida, mantinham avançada produção de cerâmica e vasos metálicos desenvolvidos a partir da cerâmica. As tumbas dos reis demonstram a alta excelência em construção e esculturas; e as tumbas de plebeus eram ricas em

oferendas.

Estiveram em conflitos com os assírios, ao sul, e tribos nômades Cintas e Cimérios, ao norte (tribos nômades das estepes russas que frequentemente invadiam a Anatólia nos sécs. VIII e VII a.C. Dos registros deixados na Anatólia, estão armamentos e arreios. Em sua metalurgia, identificam-se influências Urartu, Frígia e Grécia). Foram destruídos pelos Medos.

O reino Lídio (680-546 a.C) tinha por capital a cidade de Sardes, no oeste da Anatólia, entre os rios Hermos e Meandro. Seus mais conhecidos reis foram Giges, fundador do reino, e Creso, famoso por sua riqueza.

Sua linguagem era indo europeia e a escrita o alfabeto grega. A sua grande contribuição para a civilização foi a cunhagem de metal e a invenção do sistema de moedas. Foram enfraquecidos por invasões dos Cimérios e destruídos pelos persas do rei Ciro II.

Museu Arqueológico



Figura. 152 Reprodução da fachada de edifício da antiguidade (interior do museu arqueológico)

Seção Antiguidades



Figura. 153 Apolo tocando cítara grega (origem: Mileto, período romano – séc. II d.C.)

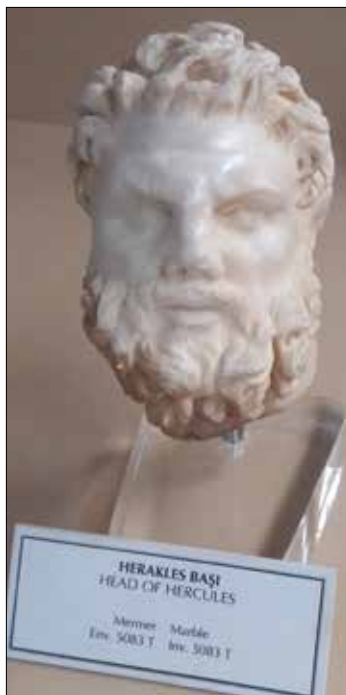


Figura. 154 Cabeça de Hércules – sem data



Figura. 155 Eros com galos (origem: Tarso, período romano – séc. II d.C.)



Figura. 156 Ártemis Caçadora, período romano, cópia do original do IV séc. a.C. (Mitilene, Lesbos)

Seção Tróia

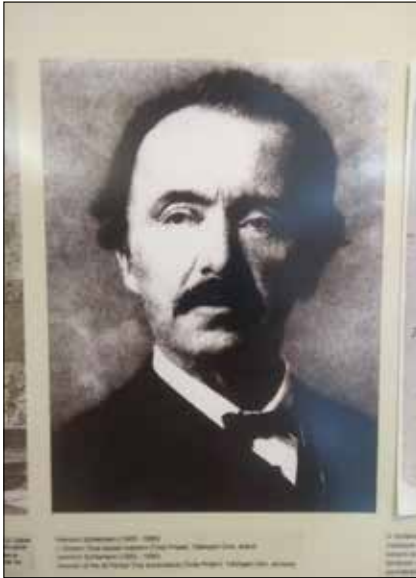


Figura. 157 Heinrich Schliemann (1822-1890). Em 1876, começaram as escavações no local em que se viria a encontrar Tróia, baseado na descrição de Homero na Ilíada. Ele encontrou várias camadas culturais que remontam a 3.000 a.C., sendo a Tróia, relatada de Homero, aquela de 1.200 a.C.

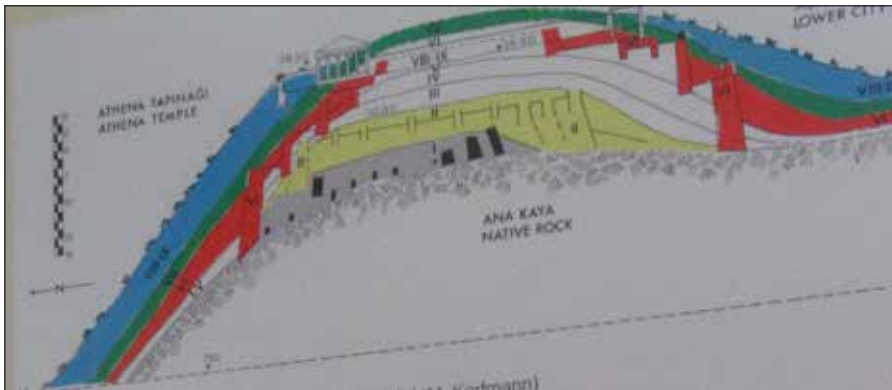


Figura. 158 Tróia e suas camadas culturais. Hoje, acredita-se que aquela descrita por Homero seja a camada em verde (VIIa).

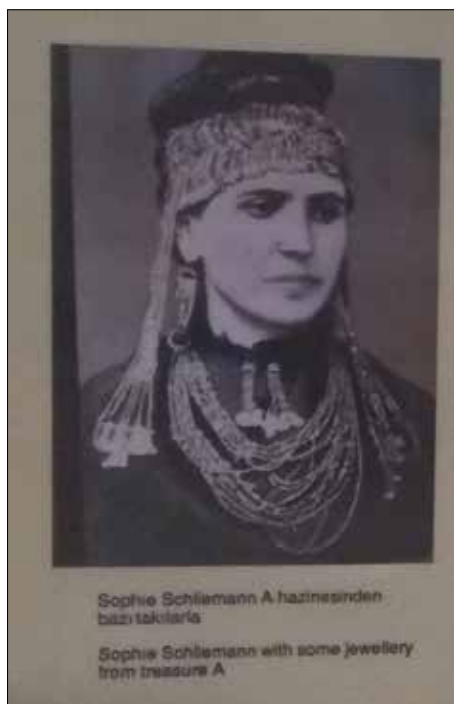


Figura. 159 Sophie Schliemann, esposa de Heinrich, utilizando parte das joias encontradas no sítio.

Schliemann encontrou 8.800 peças entre ouro, prata, cobre e bronze, sendo que 8.700 se compunham de miçangas de ouro. Esses achados foram identificados como tesouros e receberam letras. Ele acreditava que aquele identificado como tesouro 'A' pertencera ao lendário rei Príamo.

Schliemann secretamente retirou esses tesouros levando primeiramente para Atenas e posteriormente para Berlim. Durante a Segunda Guerra, o tesouro desapareceu. Hoje, acredita-se que esteja em Moscou.



Figura. 160 Utensílios encontrados em Tróia.



Figura. 161 Reprodução do interior do templo da deusa Atenas.

Seção Culturas Orientais



Figura. 162 Estátua do rei assírio Shalmaneser III (858 a 824 a.C) dominou o reino Urartu (ver texto acima).



Figura. 163 Trecho monumental da 'via da procissão' – Babilônia. A via, vinha do portal da deusa Ishtar e terminava no edifício onde se comemoravam as festividades do ano novo, media originalmente 16m x 300m, era aberta para desfiles religiosos e militares e decorado, de ambos os lados, com tijolos coloridos representando leões, animal sagrado da deusa. (Fonte: Painel exposto no local).

Escrita Cuneiforme



*Figura 164 Escrita Cuneiforme,
primeiro período: 2.700 a.C.*



*Figura 165 Escrita cuneiforme,
último período: 420 a.C.*

Chipre e Oriente Médio



Figura 166 Urnas funerárias.



Figura 167 Colunas e capitéis triplos.



Figura 168 Vestimenta cipriota 560 a 520 a.C.

Egito



Figura 169 Imagens de madeira (ushabti) que iriam 'servir' o poderoso no além [...outrora... quando morria um homem poderoso... seus servos o acompanhavam... sacrificados... e por cruel ou oneroso, a arte acudiu para ajudar... passando a oferecer imagens como substituto...] GOMBRICH, História da Arte, pg.58, LTC, 2015.



Figura 170 Sarcófago.



Figura 171 Vasos canópicos para armazenamento das vísceras do Faraó e nobreza.

Agia Sofia



Figura 172 Agia Sofia.

A primeira basílica foi finalizada em 360 d.C pelo imperador Constantino. A versão atual, do imperador Justitiano, foi aberta em 527 d.C. No período otomano (a partir de 1300), transformou-se em mesquita e em fevereiro de 1935, a pedido de Mustafa Kemal (Ataturk), então na presidência da Turquia, transformou-se em museu.



Figura 173 Agia Sofia – Mosaico representando S. João intercedendo pela Humanidade com Jesus e Maria (a ser restaurado).



*Figura 174 Agia Sofia – interior
(percebe-se a escala monumental
comparando o tamanho das pessoas
com as dimensões do edifício)*



*Figura 175 Agia Sofia – segundo vestí-
bulo de entrada.*

Cisterna da Basílica



Figura 176 Interior da cisterna. Construída pelo imperador Justiniano (527-565), possui 70m de largura x 140m de comprimento; 336 colunas com altura de 9m separadas por espaços de 4,80m, com capitéis estilos dórico e coríntio. Possui área de 9.800m² e estima-se suportar 100.000 toneladas de água.



Figura 177 Cisterna da basílica – maquete (Parque Minyatürk - Istambul).

Palácio Topkapi

Construído pelo sultão Mohamed, o conquistador, a partir de 1459, seis anos após a conquista de Constantinopla, atual Istambul. Seu nome significa ‘portão do canhão’, e sua área foi expandida durante séculos, com duas principais reconstruções: em 1509, após um terremoto, e em 1665, após um incêndio.

Consistia de quatro grandes pátios e vários edifícios menores: harém, sala de circuncisão dos príncipes dentre outras. Em seu auge, chegou a ter 10.000 servidores. A partir do séc. XVII, foi perdendo importância.



Figura 178 Maquete exibindo a área total com palácio ao centro.



Figura 179 Maquete Palácio Topkapi.



Figura 180 Salão (vista parcial, sua área é o dobro do exposto na foto).



Figura 181 Teto de sala decorado com mosaicos.



Figura 182 Corredor decorado.

REFERÊNCIAS

AAVSO – American Association Variable Star Observer, <https://www.aavso.org/>

AKSAKOF, Alexander, Animismo e Espiritismo (1895), Paris, Ed. P.G. Leymarie

BELLONI Diogo, Colisão Entre Aglomerados Globulares, UFRJ, 2014 pgs. 47 e 63, <http://objdig.ufrj.br/14/teses/830011.pdf> (acessado em 14 de julho de 2018)

COULANGES, Fustel, A Cidade Antiga, Edipro, 4ª ed., 2009, tradução de Edson Bini,

E. H. GOMBRICH, História da Arte, LTC, 2015

Faculdade de Arqueologia da USP – Labeca: Laboratório de Estudo da Cidade Antiga <http://labeca.mae.usp.br/>; <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/>

HERÓDOTO, História, W.M. Jackson Inc., RJ, 1950, p.63, versão para o português de J. Brito Broca (versão digitalizada).

LAÉRCIO, Diógenes. Vida e Obra dos Filósofos Ilustres, 2ª ed. Tradução de Mário da Gama Cury, Editora UnB, 1987

MINOIS, Georges, História do Ateísmo – Editora da UNESP

STANFORD University, Plato Library on line, <https://plato.stanford.edu/contents.html>

SOBRE O AUTOR



Jorge Favaron é formado técnico em laboratório clínico, atividade que exerceu por quase quinze anos. Posteriormente, migrou para a área comercial, primeiramente na área diagnóstica e mais tarde para a qualidade microbiológica na indústria. Hoje, é empresário, exercendo atividade comercial na mesma área.

Atualmente (segundo semestre de 2018), cursa o 4º semestre de filosofia.

Esta obra, objeto de pesquisa de um estudante de filosofia, procura mostrar os lugares onde floresceram os primeiros pensadores gregos e a alvorada da Razão.

Nem por isso deixa de apresentar os monumentos da fé que moveu a cultura da Antiguidade.

Palmilhando a geografia da costa jônica, apresenta os objetos remanescentes, templos e sítios arqueológicos, locais outrora habitados, famosos e fixados na literatura das mais diversas fontes: bíblicas, históricas e filosóficas.

As leitoras e leitores terão um singelo guia a entretê-los, mais com um conteúdo de informação do que conceitos, digamos, mais densos da área filosófica.

Mas, devido à região visitada, costa ocidental da Turquia, ser, em todos os tempos, uma encruzilhada de culturas e crenças, também são apresentados obras e objetos das culturas assíria, babilônica, egípcia e turco-otomana.

Que esta obra possa trazer a você, leitora, leitor, a satisfação de conhecer o berço da filosofia. Boa leitura.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-05-00315-00-0



9 780580 315000